



Instituto Politécnico de Lisboa
Escola Superior de Educação de Lisboa



**PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NO 1.º E 2.º CICLO
DO ENSINO BÁSICO:**

**A perceção das crianças sobre o trabalho prático e
seu contributo nas aprendizagens.**

Daniela Maria Goulão Ferreira

Relatório apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção do grau de mestre em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico

2015



Instituto Politécnico de Lisboa
Escola Superior de Educação de Lisboa



PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NO 1.º E 2.º CICLO
DO ENSINO BÁSICO:

**A perceção das crianças sobre o trabalho prático e
seu contributo nas aprendizagens.**

Daniela Maria Goulão Ferreira

Relatório apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção do grau de mestre em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico

Relatório elaborado sob a orientação do Professor António Almeida

2015

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Resumo

O presente relatório, surge no âmbito na Unidade Curricular de Práticas de Ensino Supervisionado II, do Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico, ministrado na Escola Superior de Educação de Lisboa.

Neste apresenta-se a reflexão e o processo de intervenção educativa num 1.º ano de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

No documento está presente uma investigação que procura verificar a percepção das crianças sobre a importância do trabalho prático, qual a frequência com que este se realiza em sala de aula e que papel lhe atribuem na aprendizagem. Com estas finalidades foi aplicado um questionário aos alunos.

É de realçar que devido a problemas de força maior o processo de investigação iniciou-se em 2013 e retomou o seu rumo em 2015 quando o grupo turma já se encontrava a frequentar o 3.º ano de escolaridade do Ensino Básico. Esta amostra foi constituída por vinte e quatro alunos com idades compreendidas entre os oito e os nove anos de idade.

Os resultados revelam que os alunos compreendem em que consiste o trabalho prático. Este foi frequente ao longo dos três anos de escolaridade. Os alunos gostam de realizar trabalhos práticos, mas consideram que obtêm aprendizagens mais facilmente e sentem-se mais concentrados e motivados através da exposição de conteúdos por parte do professor.

Palavras-chave: 1.º Ciclo, Aprendizagem, Atividade prática, Experiências

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Abstract

The following report is inserted in the area of Unidade Curricular de Práticas de Ensino Supervisionado II, of the Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico, ministered at Escola Superior de Educação de Lisboa.

This report presents a reflection and the educational intervention process inserted in a 1st year of school of 1º Ciclo do Ensino Básico.

The document has an investigation that tries to verify the children's perception of the importance of manual school work, which frequency and what role they attribute in the learning process. With this goals in mind it was applied a survey to the students.

It is worth to note that by casual circumstances the investigation process started in 2013 and was resumed in 2015 when the student group was in the 3rd year of school of Ensino Básico. This sample is constituted by twenty four students between the ages of eight and nine years old.

The results reveal that the students understand the meaning of manual school work. This was frequent in the three years of school. The students like to do this type of work but say that they feel more concentrated and motivated if the teacher explains to them the learning material.

Keywords: 1.º Ciclo, Learning, manual school work, experience

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Índice geral

Resumo	3
Abstract	4
Índice geral	5
índice de tabelas	7
Índice de anexos	8
Introdução	10
1. Metodologia: métodos e técnicas de recolha de dados	12
2. Caracterização do contexto socioeducativo	14
2.1. Análise reflexiva dos documentos regulamentadores da ação educativa	14
2.2. O meio local	15
2.3. A escola	16
2.4. A turma	16
2.5. Caracterização da sala de aula: a equipa educativa e modos de intervenção na turma	17
2.6. Finalidades educativas	17
2.7. Gestão dos tempos, conteúdos, materiais e espaços de aprendizagem	17
2.8. Estruturação da aprendizagem e diferenciação do trabalho pedagógico	18
2.9. Sistemas de regulação e avaliação do trabalho de aprendizagem..	18
2.9.1. Avaliação diagnóstica	19
2.9.1.1. Competências sociais	19
2.9.1.2. Português	20
2.9.1.3. Matemática	21
2.9.1.4. Estudo do Meio	21
2.9.1.5. Expressões artísticas e de educação física-motora	22
3. Identificação e fundamentação da problemática e objetivos de intervenção	22
3.1. Identificação das Potencialidades e Fragilidades da turma	22
3.2. Identificação e fundamentação da problemática	24
3.3. Definição dos objetivos gerais do projeto	25
4. Processo de intervenção educativa	25
4.1. Princípios orientadores do projeto de intervenção	25

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

4.2. Estratégias globais de intervenção	27
4.3. Operacionalização dos objetivos gerais de intervenção	29
5. Análises dos resultados: avaliação das aprendizagens dos alunos	30
5.1. Competências sociais	32
5.2. Áreas disciplinares	32
5.2.1. Português	32
5.2.2. Matemática	33
5.2.3. Estudo do Meio	34
5.2.4. Expressões artísticas e de educação físico-motora	35
6. Análise de resultados: avaliação do Projeto de Intervenção	36
7. Um olhar reflexivo sobre a percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens	38
7.1. Definição da problemática	38
7.2. Trabalho prático – Experimental/ Laboratorial	39
7.3. A importância das atividades experimentais no 1.º ciclo	40
7.4. Metodologia	41
7.5. Apresentação da análise de dados dos resultados do questionário .	42
7.6. Conclusões	52
8. Considerações finais	54
Referencias bibliográficas	55
Anexos	59

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Potencialidades e Fragilidades da turma ao nível das Competências Sociais, Português, Matemática, Estudo do Meio e Expressões Artísticas e Físico-Motoras.....	27
Tabela 2 – Estratégias gerais de intervenção.....	28
Tabela 3 – Tabela de dados das respostas à questão 1. da primeira parte do questionário	43
Tabela 4 – Tabela de dados das respostas à questão 2. da primeira parte do questionário	43
Tabela 5 – Tabela de dados das respostas à questão 2.1. da primeira parte do questionário.....	44
Tabela 6 – Tabela de dados das respostas à questão 2.2. da primeira parte do questionário	44
Tabela 7 – Tabela de dados das respostas à questão 2.3. da primeira parte do questionário	45
Tabela 8 – Tabela de dados das respostas à questão 2.4. da primeira parte do questionário.....	45
Tabela 9 – Tabela de dados das respostas à questão 2.5. da primeira parte do questionário.....	46
Tabela 10 – Tabela de dados das respostas à questão 1. da segunda parte do questionário.....	47
Tabela 11 – Tabela de dados das respostas à questão 1. a) da segunda parte do questionário.....	47
Tabela 12 – Tabela de dados das respostas à questão 2. da segunda parte do questionário	49
Tabela 13 – Tabela de dados das respostas à questão 2. a) da segunda parte do questionário	49
Tabela 14 – Tabela de dados das respostas à questão 3. da segunda parte do questionário.....	50
Tabela 15 - Tabela de dados das respostas à questão 3. a) da segunda parte do questionário.....	51

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Índice de anexos

Anexo 1 – Grelha de registo da avaliação diagnóstica de Ciências Sociais .	60
Anexo 2 – Grelha de registo da avaliação diagnóstica de Português	62
Anexo 3 – Grelha de registo da avaliação diagnóstica de Matemática	64
Anexo 4 – Grelha de registo da avaliação diagnóstica de Estudo do Meio ...	66
Anexo 5 – Fichas de diagnóstico	67
Anexo 6 - Grelhas de avaliação das fichas de diagnóstico	78
Anexo 7 – Guião de entrevista realizada à professora cooperante	84
Anexo 8 - Grelha de observação da 1. ^a semana	87
Anexo 9 - Grelha de observação da 2. ^a semana	92
Anexo 10 - Grelha de observação da 3. ^a semana	98
Anexo 11 - Grelha de observação da 4. ^a semana	102
Anexo 12 - Grelha de observação da 5. ^a semana	109
Anexo 13 - Grelha de observação da 6. ^a semana	114
Anexo 14 – Grelha de avaliação do teste sumativo de português	119
Anexo 15 – Grelha de avaliação do teste sumativo de matemática	120
Anexo 16 – Horário da turma	122
Anexo 17 – Planta da sala de aula	122
Anexo 18 – Projeto de Teatro (1. ^a planificação)	124
Anexo 19 – Assembleia de Turma	125
Anexo 20 – Jogo de leitura de números	125
Anexo 21 – Atividades Experimentais: Germinação	126
Anexo 22 – Anúncio – Projeto de Teatro	129
Anexo 23 – Grelha de avaliação do 1. ^o objetivo	132
Anexo 24 – Grelha de avaliação do 2. ^o objetivo	133
Anexo 25 – Grelha de avaliação do 3. ^o objetivo	134
Anexo 26 – Gráficos comparativos da avaliação dos três objetivos	135

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Anexo 27 – Grelha de avaliação final das competências sociais	136
Anexo 28 – Inventário de problemas	138
Anexo 29 – Atividade do geoplano	139
Anexo 30 – Atividade do tempo – reta numérica e calendário	141
Anexo 31 – Calendário do registo do estado do tempo	143
Anexo 32 – Atividade da construção do porta chaves	144
Anexo 33 – Atividade da construção do manjerico	145
Anexo 34 – Questionário – As Experiências do 1.º Ciclo	148
Anexo 35 – Respostas da questão 1. da primeira parte do questionário	151
Anexo 36 – Respostas da questão 2.4. da primeira parte do questionário ...	152
Anexo 37 – Respostas da questão 1.a) da segunda parte do questionário ..	153
Anexo 38 – Respostas da questão 2.a) da segunda parte do questionário ..	154
Anexo 39 – Respostas da questão 3.a) da segunda parte do questionário ..	155

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A perceção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Introdução

A redação do presente relatório surge no âmbito da Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), do Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Lisboa.

O objetivo deste documento é dar a conhecer o percurso educativo desenvolvido na PES II. Tal processo teve como fase inicial a observação e a recolha de dados sobre o contexto socioeducativo, com o intuito de identificar as potencialidades e fragilidades do grupo-turma que levaram à construção do plano de intervenção (PI).

A intervenção educativa ocorreu com alunos de uma turma do 1.º ano de escolaridade do Ensino Básico, numa escola situada num concelho da área metropolitana de Lisboa.

Este documento representa um momento reflexivo e de sistematização relativamente ao modo como decorreu a referida intervenção, nomeadamente ao nível das aprendizagens dos discentes.

O relatório encontra-se dividido em oito capítulos. No capítulo 1 apresentam-se os métodos e as técnicas utilizadas na recolha e tratamento dos dados da amostra.

No capítulo 2 caracteriza-se o contexto socioeducativo onde ocorreu o PI. Esta caracterização é baseada na análise documental de forma a definir as especificidades do meio, da escola, da turma e da sala de aula. Ainda neste capítulo apresentam-se as finalidades educativas, a gestão de tempo, conteúdos, materiais e espaços assim como o sistema de regulação e avaliação do trabalho de aprendizagem.

O capítulo 3 foi reservado para a identificação e fundamentação da problemática e objetivos de intervenção, onde também são apresentadas as potencialidades e fragilidades do grupo-turma.

No capítulo 4 é feita uma apresentação fundamentada do processo da intervenção educativa através da descrição dos princípios orientadores do projeto, as estratégias globais de intervenção e a operacionalização dos objetivos gerais de intervenção.

No capítulo 5 é apresentada a análise dos resultados da avaliação das aprendizagens dos alunos nas áreas de Português, Matemática, Estudo do Meio, Expressões Artísticas e Educação Físico-Motora e também nas Competências Sociais.

No capítulo 6 é apresentada a análise dos resultados da avaliação do PI.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Ao capítulo 7 cabe a apresentação do olhar reflexivo sobre a **percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.**

Por último, no capítulo 8, apresentam-se as considerações finais através da reflexão sobre o percurso da intervenção educativa efetuada.

1. METODOLOGIA: MÉTODOS E TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS

No decorrer das várias fases da intervenção foram vários os métodos e técnicas de recolha de dados utilizados. Segundo Strauss (1987 citado em Bogdan & Biklen, 1994, p. 106) “nenhuma proposta deveria ser escrita sem uma prévia recolha e análise de dados.” No seguimento desta linha de pensamento foi imprescindível a recolha de dados conducentes à implementação do projeto, através de “um processo que inclui a atenção voluntária e a inteligência, orientado por um objetivo final ou organizador e dirigido a um objeto para recolher informações sobre ele” (Ketele, 1980 citado em Ketele & Roegiers, 1999, p. 24). Desta forma foi possível desenvolver uma problemática rigorosa que correspondesse às características e necessidades do contexto/turma. Desta forma, a recolha de dados definiu-se como um “processo organizado posto em prática para obter informações junto de múltiplas fontes (...) e orientado por objetivos (Ketele & Roegiers, 1999, p.17). Durante as várias fases do projeto privilegiaram-se diferentes métodos e técnicas, indo ao encontro das necessidades sentidas em cada etapa.

Numa primeira fase – diagnose – foram privilegiados os seguintes métodos: observação direta, a análise documental (dossiês dos alunos, relatórios de avaliação do 2.º período, documentos reguladores) e a entrevista. Os dados relativos à população residente (envelhecida/jovem), ao tipo de alojamento e edifícios, aos espaços verdes existentes, aos recursos desportivos e culturais e aos serviços públicos que servem a população foram recolhidos principalmente através da consulta dos *sites* tais do Instituto Nacional de Estatística (INE) e da Câmara Municipal da Amadora (CMA), com a finalidade de caracterizar o meio envolvente à escola. Relativamente à escola, a recolha centrou-se igualmente na observação direta da instituição e em algumas consultas de informação. São exemplos a consulta do horário de funcionamento, a verificação dos materiais didáticos existentes, a identificação de rotinas, a leitura de *placards* expostos assim como do jornal da escola. Relativamente aos dados consultados no Regulamento Interno (RI), no Projeto Educativo do Agrupamento (PEA) e no Projeto Curricular de Escola (PCE), recolheu-se, essencialmente, dados referentes ao número de Escolas e Jardins de Infância pertencentes ao Agrupamento; número de alunos constituintes do(a) Agrupamento/ Escola; parcerias e projetos abrangidos pelo(a) Agrupamento/ Escola; caracterização da Comunidade Educativa e Escolar. A partir desta recolha foi possível melhor caracterizar o contexto, inferindo-se as características do público alvo de forma a melhor definir as estratégias de intervenção. No que concerne à dinâmica da turma, recorreu-se à observação direta o que proporcionou um melhor

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

conhecimento do público-alvo e assim desenvolver uma prática mais adequada e significativa. Através deste método, recolheu-se informação sobre a organização e a gestão do espaço e do tempo, dos materiais educativos e dos conteúdos de aprendizagem, assim como os princípios orientadores da ação pedagógica, metodologias de trabalho, estruturação da aprendizagem e diferenciação do trabalho, modos de integração curricular, caracterização da equipa educativa e modos de intervenção na turma, vivências com os alunos, interação e relação professora-aluno e aluno-aluno, competências dos alunos e suas dificuldades. Através da consulta do Plano de Trabalho de Turma (PTT) foi possível caracterizar as famílias das crianças em termos profissionais e socioeconómicos, as nacionalidades das famílias, o número de alunos com língua não materna, o número de alunos com Apoio Social Escolar (ASE) e ainda aceder ao relatório do aluno com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Na fase de diagnóstico dos pré-requisitos dos conteúdos a lecionar, analisaram-se os dossiês dos alunos e os relatórios de avaliação do 2.º período. Os instrumentos de registo e recolha de dados desta fase foram grelhas de registo de avaliação diagnóstica (ver anexo 1-4). Estas grelhas foram formadas através de indicadores de avaliação selecionados dos programas oficiais e das metas de aprendizagem. Três das quatro grelhas registam dados referentes a áreas disciplinares e a restante às competências sociais. Quando os recursos mencionados se revelaram insuficientes para a recolha de dados pretendida, recorreu-se à implementação de fichas de diagnóstico (ver anexo 5). Os instrumentos de tratamento dos dados retirados das fichas de diagnóstico foram grelhas de avaliação dos conteúdos das fichas de diagnóstico (Ver anexo 6). Tanto as fichas como as grelhas de avaliação estão organizadas por área disciplinar. Foi realizada um entrevista semiestrutura à professora cooperante, recorrendo-se a um guião de entrevista (anexo 7). Considerou-se ser esta a melhor forma para uma recolha precisa dos dados pretendidos. Este procedimento enriqueceu a diagnose, na medida em que promoveu o acesso a dados que não eram possíveis constatar através da observação direta. Assim, a entrevista “semiestruturada” contribui para se conseguir “(...) um grau máximo de autenticidade e de profundidade.” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 192). O tratamento dos dados partiu da organização dos resultados provenientes dos diversos métodos e técnicas aplicados. Procurou-se cruzar todas as informações obtidas com o intuito de se obter uma diagnose mais completa e fidedigna.

Numa segunda fase – fase formativa – os métodos e técnicas de recolha de dados incidiram sobre a verificação das competências adquiridas e desenvolvidas

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

pelos alunos ao longo do processo ensino-aprendizagem. O método privilegiado foi o da observação direta do desempenho no decurso das aulas. Como instrumento de registo principal, privilegiaram-se grelhas de observação semanais (ver anexo 8-13). Estas grelhas foram preenchidas no final da semana, a partir de notas tiradas ao longo do decurso das atividades. O registo semanal do aluno com NEE teve em conta também as conversas com a professora de ensino especial. Desta forma, foi possível saber os progressos e retrocessos deste aluno nas várias competências trabalhadas.

Numa terceira e última fase – sumativa – os métodos empregues foram a análise das fichas de avaliação de português e matemática e a observação direta na apresentação do produto final do projeto de teatro, juntamente com o registo semanal do mesmo. Os instrumentos de tratamento de dados foram grelhas de avaliação dos testes sumativos constituídas por indicadores específicos (ver anexo 14 e 15).

2. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO

2.1. Análise reflexiva dos documentos regulamentadores da ação educativa

Os documentos regulamentadores da ação educativa são essenciais para o bom funcionamento das organizações, pois estes regularizam e normalizam toda a ação educativa. Estes devem adaptar-se ao contexto em que a organização se insere, dando resposta às especificidades do meio. Desta forma é importante refletir sobre a pertinência destes documentos quando articulados com a prática. Estes documentos são o Projeto Educativo de Agrupamento (PEA), o Projeto Educativo de Escola (PEE), o Plano Anual de atividades (PAA) e o Plano de Trabalho de Turma (PTT).

De acordo com a alínea a) do n.º 1 do artigo 9.º do Decreto-Lei no 137/2012, de 2012 de julho, o Projeto Educativo de Agrupamento (PEA) é: o documento que consagra a orientação educativa do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada (...), no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais o agrupamento de escolas ou escola não agrupada se propõe a cumprir a sua função educativa.

Desta forma, o PEA (2009/2010), tendo em conta todas as características do agrupamento de escolas, apresenta como objetivo principal a “promoção do sucesso

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A perceção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

escolar” (p. 24) e as seguintes medidas para o atingir: “actualizar profissionalmente todos os intervenientes; promover a relação comunidade/família/escola; articular vertical e horizontalmente os currículos; implementar medidas preventivas da exclusão escolar”. (p. 24) Este mesmo documento visa a promoção de um ambiente propício à aprendizagem com a intenção de gerir situações de conflito, assim como o aumento da justiça e igualdade de forma a resolver problemas quotidianos. No seguimento destas linhas orientadoras, integra-se o atual PEE em que o seu objetivo principal é o “desenvolvimento pessoal e integração social”, que deseja combater a exclusão e o abandono escolar dos alunos em risco e propagar estilos de vida saudáveis. O PAA (2012/2013) também vai ao encontro do objetivo principal do PEA (2009/2010), visto que contempla os seguintes quatro objetivos: “melhorar a competência linguística dos alunos; desenvolver o pensamento científico nos alunos, promover a socialização e a integração dos alunos e famílias; promover a saúde escolar”. Também o PTT da turma em questão entra nesta linha de pensamento, visto que este decorre da articulação com o PEA, servindo este de suporte de conceção e operacionalização do mesmo. Este defende “a orientação do processo ensino/aprendizagem de forma à obtenção do sucesso escolar” (p. 13), assim como a “dinamização de atividades que visem a participação conjunta de professores, pais e alunos, com o intuito de aprofundar a relação escola/família” (p. 13).

Desta forma, todos os documentos regulamentadores da ação educativa estão interligados entre si, visando atingir o objetivo geral - “promoção do sucesso escolar” - que se encontra no PEA (2009/2010).

2.2. Meio local

A escola situa-se num agrupamento nos arredores de Lisboa, no concelho da Amadora. A população residente do meio local é diversificada, com um número significativo de habitantes provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e dos países do leste. O concelho apresenta um número elevado de desempregados e os empregos são predominantes no setor terciário, sobretudo construção civil, comércio e serviços.

O meio envolvente à escola é urbano, caracterizado pela existência de uma elevada densidade de prédios, intenso comércio, espaços verdes, equipamentos desportivos, culturais e serviços públicos que servem a população. Preveem também alguns edifícios de valor histórico, arquitetónico e urbanístico pertencentes ao património municipal.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A perceção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

É uma zona de fácil acesso, visto que possui uma rede diversificada de transportes públicos, tais como autocarros e comboios.

2.3. A escola

A escola oferece exclusivamente o 1.º CEB. A sua população atendida é de cerca de 270 alunos, distribuídos por 8 turmas. Há cerca de 10 alunos com NEE de carácter prolongado e 20 com apoio socioeducativo. A população que a frequenta apresenta um nível socioeconómico e cultural médio-baixo. A maioria dos alunos são de origem portuguesa e africana. Quanto aos alunos com NEE, estes estão integrados nas turmas, mas recebem o apoio de uma professora de ensino especial. A escola é inclusiva e está adaptada para alunos com deficiências, possuindo casas de banho equipadas, rampas de acesso e um elevador.

2.4. A turma

A turma A do 1.º ano de escolaridade é constituída por 22 alunos, sendo 11 do sexo masculino e 11 do sexo feminino. A maioria dos alunos tem idades compreendidas entre 6 e 7 anos. Há dois alunos com 8 anos, estando, por isso, um ano atrasados relativamente à situação mais comum. Um deles foi aconselhado a permanecer mais um ano letivo no Jardim de Infância, antes de iniciar o 1.º CEB, devido à imaturidade apresentada nessa altura; o outro está ao abrigo do acordo de saúde, Decreto-Lei n.º 3/ 2008, de 7 de janeiro, porque imigrou da Guiné-Bissau para Portugal para ser operado ao sistema urinário, tendo de usar fraldas diariamente. Este aluno apresenta NEE e tem apoio uma vez por semana da professora de ensino especial devido às suas atitudes comportamentais e socioafetivas, apresentando um comportamento solitário, antissocial e, por vezes, agressivo. Este aluno não tem o português como sua língua materna, falando crioulo em casa. Professa a religião Muçulmana, tendo a escola procurado não contrariar os seus princípios e valores.

A Turma não está envolvida em Projetos do Agrupamento/Escola, apesar de participar em atividades quando são convidados.

2.5. Caracterização da sala de aula: a equipa educativa e modos intervenção na turma

A equipa educativa é constituída por uma professora titular de turma, uma professora de ensino especial e três professoras de AEC (atividades de enriquecimento curricular). A professora titular juntamente com a professora de ensino especial trabalham de forma conjunta, promovendo a inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais e o acompanhamento dos mesmos em ambiente de sala de aula de forma a dar resposta às suas necessidades. Ambas partilham o objetivo de delinear estratégias que visam a melhoria do comportamento destas crianças e a sua integração social. Este apoio foi sempre reforçado quando ocorreram conflitos entre os alunos com NEE e a restante turma. Para além desta cooperação, a professora titular também desenvolveu um trabalho cooperativo com as professoras de AEC com o intuito de partilhar estratégias, recursos, tarefas e responsabilidades. Segundo Hohmann e Weikart (2011), o trabalho em equipa reflete-se na utilização de princípios e estratégias semelhantes no trabalho com crianças, o que aconteceu precisamente no presente contexto.

2.6. Finalidades educativas

A prática educativa da professora cooperante baseou-se nos seguintes princípios orientadores presentes no PTT: respeito pelas “regras familiares e de convivência social para o desenvolvimento de uma cultura de cidadania”, “utilização de metodologias que favoreçam a aprendizagem individual (...) e incentivem o debate”, articulação do trabalho desenvolvido com as AEC e desenvolvimento da educação para a cidadania ao longo do dia letivo (PTT, pp. 13-14). Estes princípios orientadores da ação pedagógica tiveram como finalidade a “obtenção do sucesso escolar” e a “adequação de todas as aprendizagens à fase de desenvolvimento em que o aluno se encontra, respeitando as suas necessidades e características”. (PTT, p. 13)

2.7. Gestão dos tempos, conteúdos, materiais e espaços de aprendizagem

A organização do tempo e dos conteúdos de aprendizagem foi feita pela docente através de grelhas de planificação anual das aulas. A gestão das sessões foi organizada através da alternância de momentos expositivos, dirigidos pela

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Professora cooperante ao grande grupo e momentos de trabalho autónomos, maioritariamente, realização de fichas. A Professora cooperante não cumpriu o horário da Turma (ver anexo 16), nem desenvolveu as Expressões Artísticas e de Educação Físico-Motora e as Áreas Não Disciplinares – Estudo Acompanhado e Área de Projeto. Durante as 25h semanais, privilegiou as Áreas Curriculares Disciplinares de Português e de Matemática e promoveu a transversalidade da Formação Cívica. Gere o Apoio ao Estudo como sendo uma sessão normal.

No que toca à gestão do espaço, as paredes da sala, apresentavam vários instrumentos de pilotagens, bem como cartazes apelativos às áreas disciplinares, tais como: o alfabeto, os números até 100, as palavras já dadas do Método das 28 Palavras, entre outros. Estes instrumentos encontravam-se predominantemente no fundo da sala. As mesas dos alunos estavam dispostas em quatro filas, viradas para o quadro. A mesa da Professora encontrava-se junto à parede lateral, ao lado da porta da sala, virada para as mesas dos alunos. É de realçar que os lugares dos alunos não eram fixos, podendo ser alterados sempre que necessário. (ver anexo 17)

2.8. Estruturação da aprendizagem e diferenciação do trabalho pedagógico

As modalidades de trabalho privilegiadas foram o trabalho em grande grupo e individual de atividades referentes às Áreas Disciplinares de Português, Matemática, e menos frequentemente, de Estudo do Meio. Ao longo do ano letivo, as situações de discussão em grande grupo acerca dos conteúdos abordados, “as leituras e a sistematização de todas as matérias dadas” (PTT, p. 14), através da realização dos manuais e de fichas, foram metodologias utilizadas. Quando os alunos terminavam as suas tarefas antecipadamente, a professora cooperante pedia para estes ajudarem os colegas ou até mesmo para gerirem a atividade em desenvolvimento.

Ao longo das aulas observadas não se assistiu a diferenciação pedagógica. No entanto, era necessário que a orientadora cooperante ao intervir, utilizasse estratégias de diferenciação pedagógica procurando ir ao encontro das fragilidades de cada aluno promovendo um trabalho adaptado que respeitasse as características de cada criança.

2.9. Sistemas de regulação e avaliação do trabalho de aprendizagem

O processo de ensino-aprendizagem foi avaliado em três modalidades: diagnóstica, formativa e sumativa. A avaliação diagnóstica foi realizada no início do

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

ano letivo, recorrendo-se a grelhas de avaliação das fichas diagnósticas. Relativamente à avaliação formativa, ao longo do ano letivo, era aconselhada a utilização de grelhas como instrumentos de pilotagem para regular e avaliar “registos de comportamento, desempenho diário, fichas e questionários de natureza diversa, material de apoio diversificado, elaboração do Trabalhos Para Casa (T.P.C.), participação e interesse” (PTT, p. 25). No que diz respeito à avaliação sumativa, foram realizadas fichas de avaliação no fim de cada Período. Em todas as modalidades de avaliação, o agente foi a Professora cooperante e o objeto o aluno; os dispositivos de avaliação tiveram como função regular e reformular o processo de ensino aprendizagem. No final de cada Período realizou-se o preenchimento de tabelas de avaliação das Áreas Disciplinares e Não Disciplinares e de relatórios de avaliação, com a apreciação global das aprendizagens de cada aluno, que foi entregue aos pais na reunião.

2.9.1. Avaliação diagnóstica

A avaliação diagnóstica segundo Hadji (1994) é um processo de exploração e identificação de características do aluno com o objetivo de escolher estratégias e métodos de ensino adequados a essas características.

Desta forma, a diagnose realizou-se em 3 fases: a recolha de dados, o tratamento dos dados e as conclusões retiradas dessa análise. Através desse trabalho foi possível inferir as potencialidades e as fragilidades da turma, com o intuito de ajustar estratégias e definir um plano de ação adequado às necessidades e aprendizagens dos alunos.

Seguidamente foi apresentada a avaliação diagnóstica das aprendizagens dos alunos realizada nas diferentes áreas disciplinares e competências sociais.

2.9.1.1. Competências Sociais

A Turma era bastante participativa, autónoma e apresentava comportamentos adequados à sala de aula. Apesar de respeitadora das regras de sala de aula, quando havia abertura para a comunicação denota-se a falta de hábito em aguardar a sua vez de falar.

A turma manifestou uma fraca capacidade de cooperação, manifestando, os alunos, uma falta de vontade em partilhar materiais com os colegas, daí a mancha preenchida pelos critérios azul e vermelho, no instrumento de avaliação do anexo 1. Em situações de observação, presenciou-se uma excessiva competição que se

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

traduziu, muitas vezes, em palavras negativas e pejorativas entre colegas. No entanto, tais atitudes não se prolongavam em conflitos e animosidades, pelo que a turma até assumiu uma relação amigável nas dimensões Professora-Aluno e Aluno-Aluno.

2.9.1.2. Português

Segundo a análise à grelha diagnóstica do anexo 2 e a grelha de avaliação da ficha diagnóstica do anexo 6, a turma revelou aquisição das competências de português, sobretudo, no que toca à compreensão oral, expressão do oral, leitura e escrita.

Relativamente à compreensão do oral, apenas uma aluna apresentou dificuldades no indicador “presta atenção ao que ouve de modo a tornar possível cumprir indicações”. No indicador “apreende o sentido global dos textos ouvidos”, já três alunos demonstraram algumas dificuldades. Quanto à expressão oral, somente os alunos quatro alunos apresentaram fragilidades na articulação de palavras e na fala fluente e progressiva.

Na leitura, quase todos os alunos apresentaram uma leitura fluente e com progressiva autonomia. Contudo, alguns alunos evidenciaram fragilidades nos seguintes indicadores: “faz uma leitura através do reconhecimento global” (2 alunos) e da “correspondência grafema-fonema” (4 alunos), “lê com entoação em voz alta” (8 alunos) e “faz uma leitura que possibilita localizar a informação pretendida” (7 alunos).

A turma revelou um elevado potencial na escrita, pelo que se planeou desde logo desenvolver esta competência através da planificação e redação de pequenos textos. É de realçar que apenas dois alunos apresentaram um desenvolvimento mais fraco, visível no indicador “organiza palavras desordenadas formando uma frase coerente”.

Relativamente ao CEL, a turma apresentou uma maior diversidade na diagnose, concentrando-se entre os critérios sim e às vezes. No entanto, existia uma minoria de alunos com uma avaliação negativa, nomeadamente, na identificação de rimas, na concordância entre género e número de palavras numa frase e na formação de femininos e masculinos de palavras.

2.9.1.3. Matemática

O tratamento dos dados, explícitos na grelha diagnóstica (anexo 3) e na grelha de avaliação da ficha de diagnóstico (anexo 6), possibilitou inferir um fraco desenvolvimento dos pré-requisitos a lecionar – dinheiro, tempo e comprimento.

Apesar da fragilidade detetada no desenvolvimento da competência de “geometria e medida”, a turma evidenciou bons desempenhos no que toca ao tema “números e operações”, que inclui a abordagem dos números naturais e operações com números naturais. Os alunos revelaram um bom sentido do número e facilidade na adição e na subtração de operações, recorrendo à reta numérica e ao quadrado do 100. Contudo, demonstraram dificuldades na resolução de problemas matemáticos.

Relativamente ao tema “organização e tratamentos de dados”, o grupo apresentou mais dificuldades na leitura e na interpretação de informação apresentada em tabelas.

A avaliação diagnóstica não permitiu recolher dados acerca do desenvolvimento das capacidades transversais, porque este tema nunca foi observado durante os momentos de observação à turma.

2.9.1.4. Estudo do Meio

A avaliação diagnóstica dos conhecimentos dos alunos relativamente ao bloco “à descoberta de si mesmo”, no ponto “o seu passado próximo”, identificou dificuldades na nomeação de todos os dias da semana. Quanto ao reconhecimento das unidades de tempo (dia e semana), tal como demonstrado na grelha de avaliação diagnóstica do anexo 4, os dados não permitiram tirar conclusões. Também não houve dados suficientes para inferir acerca da capacidade de descrição de atos praticados ao longo do fim-de-semana, pois nem metade dos alunos tiveram a oportunidade de o fazer ao longo das sessões de observação.

Relativamente ao bloco “à descoberta dos outros e das instituições”, constatou-se que os alunos não participaram na dinâmica de trabalho de grupo, das responsabilidades de turma e na avaliação do trabalho.

É visível na grelha diagnóstica, nas linhas respetivas ao bloco “à descoberta do ambiente natural”, que houve pré-requisitos não observados, tais como o reconhecimento de plantas como seres vivos e o registo de condições atmosféricas diárias. Quanto ao conteúdo seres vivos evidenciaram-se dificuldades no

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

reconhecimento de características de animais, na identificação de ambientes onde vivem e na distinção de animais domésticos de selvagens (anexo 6).

No que concerne ao bloco “à descoberta dos materiais e objetos”, constatou-se a fragilidade da turma no manuseamento de objetos em situações concretos. É notório na grelha diagnóstica, o conhecimento dos alunos das propriedades físicas da água.

2.9.1.5. Expressões artísticas e de educação físico-motora

Nesta área disciplinar não foi possível recolher dados suficientes para a elaboração da diagnose da turma, com o intuito de tomar decisões pedagógicas e planear o processo de ensino-aprendizagem.

A consulta do PTT neste contexto também não foi uma mais-valia, na medida em que a avaliação apresentada era demasiado vaga e os indicadores apresentados não eram adequados, nem aos programas oficiais, nem às metas de aprendizagem. O único momento de observação relacionado com as Expressões decorreu no decurso de uma tarefa interdisciplinar (expressão plástica/português), que consistiu no recorte, colagem e pintura a lápis de cor de uma flor com a palavra bandeira. Através desta situação interventiva, inferiu-se que, de uma forma geral, a turma pintava as imagens de uma forma cuidada, respeitando as linhas de limite e a direccionalidade dos riscos do lápis; efetuava recortes, cortando, por vezes, a figura ou, por oposição, distanciando-se demasiado da linha de recorte, necessitando de desenvolver mais a motricidade fina; fazia colagens bem efetuadas.

3. IDENTIFICAÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DA PROBLEMÁTICA E OBJETIVOS DE INTERVENÇÃO

3.1. Identificação das Potencialidades e Fragilidades da turma

Através do processo de diagnose identificaram-se as potencialidades e as fragilidades da turma. Estas encontram-se expressas na tabela seguinte:

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Tabela 1 – Potencialidades e Fragilidades da turma ao nível das Competências Sociais, Português, Matemática, Estudo do Meio e Expressões Artísticas e Físico-Motoras.

	Potencialidades	Fragilidades
Competências Sociais	Autónomos; Participativos; Cumpridores das tarefas propostas;	Turma pouco cooperativa; Não prestam atenção ao discurso dos colegas;
Português	<p>Leitura: Todos sabem ler através do reconhecimento global e da correspondência grafema/fonema;</p> <p>Escrita: Dão pequenos erros (orto) gráficos; Utilizam bastante a adjetivação;</p> <p>Compreensão do oral: Conhecem vocabulário diversificado;</p> <p>Expressão oral: Facilidade em expressar ideias ou pensamentos;</p> <p>CEL: Utilizam bastante a adjetivação;</p>	<p>Escrita: Apenas escrevem frases curtas;</p> <p>Compreensão do oral: Não conhecem/utilizam métodos de registo;</p> <p>CEL: Alguns alunos, não efetuam a concordância entre número e género das palavras numa frase;</p>
Matemática	<p>Todos têm a sentido de número adquirido;</p>	<p>Apresentam dificuldades na resolução de problemas matemáticos e no cálculo mental e escrito de operações de adição e subtração;</p> <p>Apresentam dificuldades no preenchimento e na interpretação de tabelas;</p>
Estudo do Meio	---	<p>Não participam na avaliação do trabalho;</p> <p>Não participam na dinâmica do trabalho em grupo e nas responsabilidades da turma;</p> <p>Não manuseiam objetos em situações concretas;</p>
Expressões Artísticas e Físico-Motoras	---	Pouco desenvolvimento da motricidade fina;
<p>Obs.: Realça-se a existência de um elemento da turma que apresenta dificuldades transversais a todas as Áreas Curriculares Disciplinares e na integração da turma. A turma apresenta uma competitividade pouco positiva, que resulta na exclusão dos alunos com maiores dificuldades de aprendizagem,</p>		

Fonte: PI

3.2. Identificação e fundamentação da problemática

Os objetivos gerais do Projeto de Intervenção foram concebidos após a recolha e o tratamento dos dados acerca do contexto socioeducativo e tencionaram dar resposta às problemáticas: *Como criar um ambiente educativo que promova a cooperação?; Como incentivar a escrita de pequenos textos com sentido social e objetivos comunicativos diversos?; Que tipo de estratégias implementar no sentido de desenvolver o gosto pela leitura?*

No que toca ao tratamento dos dados da diagnose, constatou-se que a turma apresentava fragilidades relativamente à cooperação com os colegas, à partilha de materiais, à procura de ajuda e às reações pejorativas na sala de aula. Também se assinalou uma competitividade pouco positiva, na medida em que resulta numa exclusão dos alunos com maiores dificuldades de aprendizagem, descuidando o conceito de Turma, entreajuda e respeito. Este aspeto era certamente um entrave ao nível da formação cívica. Neste sentido, considerou-se pertinente desenvolver a cooperação, tencionando ampliar competências, que são essenciais ao longo do seu percurso escolar. Através do Projeto de Teatro e da Assembleia de Turma, os alunos “ (...) convivem em propostas e tarefas muito diversas entre si, cada uma delas com sentido próprio e a serviço do projecto comum de contribuir com o desenvolvimento global dos alunos, cuja (...) ação dos agentes educativos constitui uma ajuda imprescindível.” (Solé citado em Coll & Martín, 2004, p. 84)

Aproveitando a potencialidade da turma – escrita de frases criativas, com poucos erros ortográficos e utilizando pontuação – considerou-se uma mais-valia aproveitar este momento de aprendizagem para desenvolver a escrita. Segundo a teoria de Vygotsky (s.d. citado em Moll, 2002), as crianças encontravam-se numa zona de desenvolvimento proximal propícia aos pré-requisitos de uma tarefa tão complexa como escrever/ler. Simultaneamente, estavam predispostos para desenvolverem a cooperação, a colaboração e as interações sociais no interior da “comunidade de aprendizagem” que se pretendia ser. (Perrenoud, 2002)

O terceiro objetivo geral adveio da potencialidade dos alunos relativamente à competência da leitura, possibilitando a continuidade do Projeto “Ler é crescer” descrito no PTT. Desta forma, fomentou-se o gosto pela leitura e desenvolveram-se leitores mais ativos e interessados.

Os objetivos gerais foram pertinentes à luz dos princípios e valores orientadores do currículo, que defendem “a participação na vida cívica de forma livre, responsável, solidária e crítica” e “a valorização das dimensões relacionais da aprendizagem e dos princípios éticos que regulam o relacionamento com o saber e

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

os outros”. (Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001, p. 15) Também a competência de escrita e do gosto pela leitura estão ao abrigo das metas do currículo de Português, nomeadamente, “ser um leitor fluente e crítico” e “usar multifuncionalmente a escrita, com correção linguística e domínio de técnicas de composição (...) de textos” (Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001, p. 31)

3.3. Definição dos objetivos gerais do projeto

Tendo em conta a problemática definida, identificaram-se objetivos gerais que respondessem às fragilidades e privilegiassem as potencialidades da Turma. Neste sentido, os objetivos gerais definidos foram os seguintes: **Cooperar na realização de trabalhos comuns; Escrever pequenos textos; e Ler para enriquecimento pessoal.**

Estes objetivos respeitavam os princípios e valores do Currículo Nacional do Ensino Básico (2001), visto que este, no que toca à cooperação, defende o desenvolvimento da competência “cooperar com outro em tarefas e projetos comuns” (p.15). Sendo esta uma competência transversal e frequentemente trabalhada ao longo dos vários ciclos, é necessário imergir no “desafio didático de inventar tarefas que imponham uma verdadeira cooperação” (Daniel & Sdchleifer, 1996 citado em Perrenoud, 2000, p. 63), no sentido de promover a aprendizagem cooperativa.

No que diz respeito aos objetivos gerais que envolvem as competências de leitura e escrita, estas estão enquadradas no currículo de português nos indicadores “ser um leitor fluente e crítico” assim como “usar multifuncionalmente a escrita, com correção linguística e domínio de técnicas de composição (...) de textos”. (Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001, p. 31)

4. PROCESSO DE INTERVENÇÃO EDUCATIVA

4.1. Princípios orientadores do projeto de intervenção

O plano de ação foi sustentado na gestão “(...) de uma política de diferenciação curricular que assegura a *todos* um melhor domínio das *aprendizagens essenciais comuns*” (Roldão, 1999, p. 17), privilegiando o currículo centrado nos alunos. O papel da intervenção deve ser o de “dirigir a ação (...) de uma maneira apropriada ao nível de desenvolvimento presente da criança, do

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

contexto cultural e social (...)” (Vygotsky, s.d. citado em Moll, 2002, p. 344) Neste sentido, procurou-se fomentar pedagogias ativas e construtivistas que valorizassem a leitura, a escrita e a cooperação num clima de sala de aula cooperativo, interativo, afetuoso/amigável e motivador.

A intervenção educativa pretendeu proporcionar tarefas motivantes e significativas, como o uso da escrita/leitura em jogos, um projeto de teatro com fins reais interativos e comunicativos portadores de significado. Para além do sentido social da leitura e da escrita, foi intenção promover as já referidas aprendizagens cooperativas. Segundo a teoria de Vygotsky (s.d. citado em Moll, 2002), o envolvimento e o apoio de um adulto e a utilização da escrita e da leitura são recursos para ampliar os interesses dos alunos e meios para vincar as relações sociais. A interação docente-aluno é uma modalidade de intervenção importante, na medida em que fornece “(...) pistas, guiando, persuadindo e corrigindo os pensamentos e estratégias (...)” dos alunos. (Baquero, 2001, p. 138) Assim, fomentou-se o desenvolvimento das competências visadas nos objetivos gerais do Projeto de Intervenção com maior interesse e motivação.

Uma vez que a Turma demonstrou uma grande capacidade de comunicação, considerou-se a comunicação como princípio orientador importantíssimo. De encontro à ideologia de Estanqueiro (2010), a comunicação “(...) permite aprofundar conhecimentos e desenvolver competências de comunicação. Além disso, é uma ótima estratégia para a educação moral e cívica dos alunos.” (p. 54) Arends (1995) defende ainda que “(...) o sistema de discurso na sala de aula é central para criar ambientes de aprendizagem positivos. Ajuda a definir padrões de participação (...) mantém unida a vida na sala de aula.” (p. 417) Simultaneamente, aprende-se “(...)os princípios democráticos, através da interação diária de uns com os outros” (Dewey, s.d. citado em Arends, 1995, p. 365).

Importa realçar que se pretendeu que a Formação Cívica fosse desenvolvida transversalmente ao longo do percurso de ensino aprendizagem das Áreas Curriculares Disciplinares (Perrenoud, 2002).

Pretendeu-se também orientar o processo de ensino-aprendizagem segundo “(...) uma educação para a decisão e para a responsabilidade social” (Lima, 2000 citado em Cabral, 2009, p. 2) no desenvolvimento de cidadãos responsáveis, interessados e ativos. De forma a educar para a vida coletiva, tencionou-se alcançar a aprendizagem cooperativa através da interação e da cooperação (Tonucci, 1986).

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

O último princípio pedagógico baseou-se numa intervenção de filosofia inclusiva, diferenciando a intervenção e valorizando sempre as experiências do currículo real e oculto dos alunos (Perrenoud, 2002). Neste sentido tornou-se fulcral encarar os alunos como diferentes, tanto ao nível das suas aprendizagens, ritmos e estilos de aprendizagem, bem como dos seus quadros culturais (Perrenoud, Bolsterli, Bonneton, Capitanescu, Gather-Thurler, Maulini, 2005).

De acordo com estes princípios, tornou-se importante “(...) organizar as interações e as actividades de modo a que cada aluno seja, constantemente ou o maior número de vezes possível, confrontado com as situações didáticas mais adequadas” (Perrenoud, 1995, p. 42) pois os alunos “ (...) não têm todos os mesmos conhecimentos, a mesma relação com o saber, os mesmos interesses, os mesmos modos de aprender” (Perrenoud, 1995, p. 63). Assim, foi necessário conceber estratégias que integrem “ (...) diferentes dispositivos didáticos, de forma a colocar cada aluno perante a situação mais favorável” (Perrenoud, 1995, p. 42).

4.2. – Estratégias Globais da Intervenção

De forma a dar resposta aos objetivos gerais do Projeto de Intervenção definiram-se algumas estratégias que visaram promover um processo de ensino-aprendizagem de qualidade.

Tendo em conta os objetivos gerais e as competências a desenvolver privilegiaram-se estratégias de integração curricular. Neste sentido, o currículo foi organizado de forma a desenvolver significado pessoal e social no quotidiano, a valorizar experiências e vivências significativas.

Construiu-se a tabela seguinte, que descreve as estratégias globais de intervenção e algumas propostas de atividades de cada Área Disciplinar e Não Disciplinar para a operacionalização dos objetivos do P.I..

Tabela 2 – Estratégias Gerais de Intervenção

Áreas Disciplinares e Não Disciplinares	Português	Matemática	Estudos do Meio	Expressões Artísticas e Fico-Motoras	Educação para a Cidadania
Objetivos gerais					
Cooperar na realização de trabalhos comuns;	Trabalho cooperativo; Trabalhos de grupo/pares; Construção do guião cénico; Escrita do texto dramático; Escrita do anúncio do espetáculo de turma; Escrita do convite do espetáculo de turma;	Jogos matemáticos em grande grupo/ grupos; Trabalhos a pares; Exploração de materiais manipuláveis; Feira;	Trabalho cooperativo; Pesquisas em pequenos grupos; Atividades Experimentais para a aprendizagem da germinação; Visita de estudo à Tapada de Mafra;	Trabalho cooperativo; Jogos cooperativos; Projeto de teatro; Atividades de expressão corporal, vocal e de improvisação, que dependem dos colegas;	Assembleia de turma; Projeto de teatro;
Escrever pequenos textos;	Planificação e escrita de pequenos textos com diferentes fins comunicativos – descritivo, anúncio, convite e texto dramático; Construção do guião cénico;	Inventário de problemas matemáticos;	Pesquisas/ escrita, em pequenos grupos, sobre seres vivos; Resposta a guiões de atividades experimentais; Escrita de um pequeno texto alusivo ao estado do tempo da semana; Descrição de animais através de atividade de expressão oral;	Construção de um cartaz com o anúncio do espetáculo de turma; Construção de quadras dos santos populares e construção de um manjerico com diversos materiais, a pares;	
Ler para enriquecimento pessoal;	Rotina de leitura; Leitura de obras; Roteiro de leitura;	Jogos matemáticos; Rotina Bicho das operações; Leitura e interpretação de tabelas (do estado do tempo; do guião cénico; da germinação; das características dos animais; das planificações dos textos);	Rotina do estado do tempo; Reconto de uma história alusiva a animais domésticos/ selvagens; Leitura de textos dos seres vivos;	Divulgação do espetáculo de turma no jornal da escola; Divulgação/ leitura do convite à comunidade escolar; Divulgação de poemas memorizados no espetáculo de turma;	

Fonte: Adaptado do P.I.

4.3. Operacionalização dos objetivos gerais de intervenção

1.º Objetivo – Cooperar na realização de trabalhos comuns.

No decorrer da prática fomentou-se a cooperação para a consecução dos princípios orientadores da ação educativa como estratégia de integração de todos os alunos.

A metodologia de trabalho de projeto empregue no Projeto de Teatro (anexo 22) promoveu a cooperação, uma vez que “cooperar é actuar junto, de forma coordenada, no trabalho ou nas relações sociais para atingir metas comuns” (Argyle, 1991 citado em Lopes & Silva, 2009, p.3).

Segundo Arends (1995), a cooperação promove a entreajuda, melhorando relacionamentos grupais, proporcionando aprendizagens de competências de cooperação, tornando-se o trabalho mais apelativo e motivador. Neste seguimento promoveram-se situações de trabalho em grande grupo, em pequenos grupos e a pares. Através destas estratégias as crianças para além de cooperarem auxiliam-se entre si promovendo a inclusão.

A Assembleia de Turma (Anexo 19) foi outra estratégia que impulsionou o progresso na cooperação, uma vez que contribuiu maioritariamente para o confronto e resolução de dificuldades associadas a tarefas cooperativas. Nesta dinâmica foi promovida a autorreflexão, a discussão sobre os trabalhos e dificuldades sentidas nos diversos grupos com o intuito de encontrar respostas e soluções. Este instrumento foi uma mais valia, visto que, segundo Lopes e Silva (2001), “nos grupos cooperativos os alunos têm de acreditar que cada um só é bem sucedido se todos forem” (p.142).

No âmbito da área de matemática foi proposta uma tarefa que fomenta a cooperação. Esta tarefa cinge-se a um jogo de leitura de números (Anexo 20) através de materiais manipuláveis. Esta atividade desenvolveu-se em grande grupo onde os vários elementos teriam de fazer a leitura ou a representação do número dado através dos materiais manipuláveis disponíveis. Desta forma, todos os elementos da turma desempenharam funções de forma diferenciada para alcançar o mesmo objetivo, a representação do número selecionado.

Dentro da área de estudo do meio optou-se pela exploração de atividades experimentais tais como o processo de germinação (anexo 21). Estas atividades estiveram inseridas na metodologia de trabalho de grupo. Assim, através desta metodologia, os alunos cooperam e partilham ideias ao registar dados das observações efetuadas no decorrer da atividade e ao partilhar as conclusões para

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

mais tarde serem apresentadas em grande grupo. De outro ângulo, as atividades experimentais promovem a “motivação e abertura à aprendizagem, despertando interesse e curiosidade, (...) aceitação de limitações e erros e respeito pelas opiniões dos outros, (...) autonomia, (...) autoestima, (...) e responsabilidade, nomeadamente em alunos com maior dificuldades de aprendizagem e (...) familiarização com a língua científica e com os processos da ciência” (Serrasina, Gomes, Rosa & Portela, 2011, p.132).

2.º Objetivo – Escrever pequenos textos.

De forma a dar resposta ao problema apresentado – Como incentivar a escrita de pequenos textos com sentido social e objetivos comunicativos diversos? – apostou-se na potencialidade da escrita da turma. Na consecução deste objetivo articularam-se as áreas disciplinares de português com as expressões artísticas. Esta articulação materializou-se através do projeto de teatro onde foi criado um ambiente impulsionador à motivação para a escrita através da elaboração do anúncio do espetáculo (anexo 22) e do convite para o mesmo, do texto dramático e descritivo. Através deste projeto os alunos perceberam as várias funções da escrita, assim como a sua utilidade como meio de comunicação. Por conseguinte trabalharam-se vários tipos de texto, tais como o anúncio, o convite, o texto dramático e o texto descritivo. A produção destes textos ocorreu através de várias fases, tendo o trabalho sido realizado em grande grupo, pequenos grupos, a pares e individualmente.

3.º Objetivo – Ler para enriquecimento pessoal.

De forma a dar resposta ao terceiro problema – Que tipo de estratégias implementar no sentido de desenvolver o gosto pela leitura? – a consecução deste objetivo esteve centrado nas potencialidades de leitura e escrita da turma no sentido de fortalecer e a desenvolver cada vez mais esta competência.

Neste seguimento implementou-se na rotina diária do grande grupo uma rotina de leitura, visto que, segundo Viana (2006), “o domínio de um amplo vocabulário é importante para a leitura, quer a nível de decifração, quer a nível da compreensão” (p.2). Assim, os alunos ao lerem diariamente aumentam o seu campo lexical e, por conseguinte, promovem uma melhoria na leitura.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Esta rotina teve como organização leituras em grande grupo, a pares, a trios e individuais. Esta tarefa permitiu desenvolver a fluência e a autonomia da leitura nas crianças, e proporcionou a exploração de textos diversificados que incitaram à aquisição de novo vocabulário e a uma maior percepção do sentido global dos textos.

Segundo Viana (2006), “se queremos motivar a criança para ler temos de partilhar as leituras, por puro prazer” (p.5). Assim sendo, durante a intervenção, promoveram-se momentos de leitura de histórias para a turma. Ao se dinamizar as leituras através dos momentos de antecipação da história, da leitura, da partilha de opiniões e sentimentos criou-se um ambiente motivador e didaticamente rico.

O reconto da história tal como a identificação dos constituintes de um livro proporcionaram momentos agradáveis de participação por parte das crianças, o que levou a uma maior motivação para a leitura e partilha de histórias.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS: AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS

A avaliação das aprendizagens dos alunos é talvez o processo mais complexo e indispensável do âmbito escolar. Segundo Ferreira (2007), a “avaliação das aprendizagens sempre constitui uma das principais funções exigidas pela sociedade à escola” (p.12). Neste sentido o professor ao avaliar o aluno também avalia todo o seu processo de construção da ação educativa.

Segundo Hadji (1994) a avaliação divide-se em “orientar”, “regular” e “certificar, (p. 62) e, desta forma, privilegiaram-se no processo de avaliação as seguintes modalidades: diagnóstica, formativa e sumativa.

Por conseguinte este processo de avaliação foi elaborado através de técnicas e instrumentos de avaliação para as diferentes áreas. No seguimento desta ideia elaborou-se uma análise dos resultados dos alunos numa fase inicial – grelhas de observação semanais (ver anexos 8 - 13) – e posteriormente uma comparação dos dados da avaliação diagnóstica com os dados da avaliação final de cada aluno (anexos 23 - 26).

No momento seguinte será apresentada a avaliação das aprendizagens dos alunos em cada área disciplinar e não disciplinar.

5.1. Competências Sociais

No que toca a esta área, podemos observar um progresso significativo nos âmbitos da cooperação e relacionamento com o outro. Estas aprendizagens são explícitas ao avaliar comparativamente a grelha de registo de avaliação diagnóstica de ciências sociais (anexo 1) e a grelha de avaliação final das mesmas (anexo 27).

O grande impulsionador deste desenvolvimento foi a implementação do trabalho cooperativo, uma vez que a turma, de uma forma geral, nunca tinha experienciado esta modalidade de trabalho. Este trabalho proporcionou a partilha de materiais, o esperar pela sua vez de falar e falar ordeiramente e o pedido de ajuda aquando detetadas dificuldades, aspetos pouco desenvolvidos nas crianças anteriormente.

Neste sentido, e de uma forma holística, a turma demonstrou uma tendência significativa para ajudar, colaborar e cooperar, à exceção do aluno com NEE que manteve o seu interesse no trabalho individual e só cooperava com o restante grupo quando solicitado.

Analogamente à questão de conflitos comportamentais na turma, denotou-se uma melhoria tendo em conta que neste campo o grande grupo apresentava alguns conflitos entre colegas. No final da prática o relacionamento da turma já se apresentava bastante harmonioso à exceção do aluno identificado com NEE que manteve uma postura conflituosa com os colegas e com a professora.

Quanto à participação e autonomia, os alunos mantiveram a potencialidade do domínio destas competências, melhorando ainda assim a participação ordenada, o respeito pelos colegas assim como uma gestão oportuna das suas intervenções.

5.2. Áreas disciplinares

A aprendizagem dos alunos nas competências específicas das diferentes áreas foram avaliadas através da avaliação formativa (anexos 8-13) e sumativa (anexos 14-15) ao longo da prática pedagógica.

5.2.1. Português

No que concerne à compreensão oral a turma manteve uma boa aprendizagem tal como verificado anteriormente através da diagnose. Somente um

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

aluno demonstrou inicialmente dificuldades neste campo e verificou-se uma evolução ao longo da intervenção.

Relativamente à expressão oral, os alunos que apresentavam dificuldades na expressão oral e na escrita de palavras não apresentaram desenvolvimento de melhorias nestas aprendizagens na avaliação final. A restante turma manteve uma boa comunicação e partilha de ideias, recorrendo a vocabulário adequado a cada situação.

No que toca à escrita constatou-se um desenvolvimento da aprendizagem no que concerne à planificação e escrita de pequenos textos por parte do grande grupo. A turma não apresentava conhecimentos relativamente à produção de pequenos textos e nesta tarefa, ao ser introduzida ao longo da intervenção pedagógica, obteve excelentes resultados, excetuando 3 elementos que demonstraram mais dificuldades. Ainda no âmbito da escrita, houve visíveis melhorias no que toca à escrita sem erros ortográficos, no uso adequado de letras minúsculas e maiúsculas e na aplicação devida dos sinais de pontuação.

Passando à leitura, a turma manteve a boa capacidade leitora, verificando-se uma melhoria em 4 alunos. Visto que a leitura e a escrita não se encontram desassociadas, a turma apresentou um bom domínio das competências ao nível morfosintático, o que influenciou positivamente a leitura fluente e com progressiva autonomia.

Por último, relativamente ao CEL, o grande grupo apresentou uma evolução de aprendizagens na formação do feminino e masculino de palavras, na concordância entre o género e o número de palavras, na identificação de rimas, assim como na identificação do grau dos nomes.

5.2.2. Matemática

Através da diagnose (anexo 3) constatou-se um fraco desenvolvimento das aprendizagens dos conteúdos, dinheiro, tempo e comprimento. No entanto, ao longo da intervenção, denotou-se uma melhoria significativa destas aprendizagens. Inicialmente só um aluno conhecia as moedas do Euro e no final da prática todos os alunos revelaram este conhecimento. Na resolução de problemas com valores monetários, somente 5 alunos apresentaram dificuldades, o que demonstra uma aprendizagem positiva.

O domínio do tema números e operações pelos alunos apresentava na diagnose (anexo 3), algumas fragilidades. No entanto, estas atenuaram-se ao longo

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

da intervenção, tal como foi verificado através da avaliação da resolução de problemas assim como o inventário de problemas (anexo 28).

Inicialmente todo o grande grupo tinha a noção de comprimento e ao longo da prática educativa os alunos desenvolveram as aprendizagens de comparar comprimentos, ordenar comprimentos, assim como realizar medições utilizando unidades de medida não convencionais. Importa destacar a necessidade de resposta à dificuldade de aprendizagem sentida na atividade de exploração dos elásticos do geoplano (anexo 29). Esta atividade tinha o intuito de desenvolver o reconhecimento dos diferentes comprimentos através do uso de elásticos, assim como comparar e ordenar diversos comprimentos.

No que toca ao conteúdo Tempo, constatou-se o interesse e a facilidade na tarefa de identificação de datas e acontecimentos no calendário e na reta numérica (anexo 30) o que promoveu aprendizagens no reconhecimento de relações temporais e na exploração de calendários.

O domínio do tema números e operações por parte da turma foi positivo, visto que na fase da diagnose 5 alunos apresentavam fragilidades neste âmbito e ao longo da intervenção todos os alunos tinham os conceitos de contagem, representação de números na reta numérica, na adição e subtração de números adquiridos.

Por último, houve uma melhoria no desenvolvimento das capacidades transversais.

5.2.3. Estudo do Meio

No bloco à descoberta de si mesmo os alunos apresentaram um processo evolutivo ao descreverem situações temporais, estabelecendo relações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade, assim como ao reconhecerem a unidade de tempo (dia/ semana). Uma das estratégias que impulsionou esta melhoria foi o registo do estado climático no calendário (anexo 31) que permitiu relembrar constantemente as unidades de tempo, fazendo com que todos os discentes revelem esta aprendizagem como adquirida.

Relativamente ao bloco à descoberta do ambiente natural foi evidenciada uma evolução durante a avaliação formativa e final nos seguintes conteúdos: reconhecimento de plantas como seres vivos e registo de condições atmosféricas diárias. Quanto ao conteúdo dos seres vivos, evidenciou-se uma melhoria

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

acentuada das aprendizagens relativas ao reconhecimento de características de animais e à distinção entre animais domésticos e selvagens.

Quanto às atividades experimentais realizadas, constatou-se que a maioria da turma teve sucesso nas aprendizagens desenvolvidas. Quase todos os alunos reconheceram diversas sementes e compreenderam o processo de germinação, bem como a influência de diferentes variáveis neste processo. Todos os alunos fizeram as observações, os registos dos germinadores e responderam às questões da carta de planificação. (anexo 21)

No que concerne ao bloco à descoberta dos materiais e objetos, contactou-se a facilidade de todos os discentes no manuseamento da lupa para observação das sementes.

5.2.4. Expressões artísticas e de educação físico-motora

Nesta área disciplinar, designadamente no desenvolvimento das aprendizagens de recorte, colagem e pintura a lápis de cor, a turma apresentou melhorias, pois somente dois alunos apresentaram dificuldades no corte. No que concerne à pintura e colagem, o grande grupo revelou um bom domínio dos conteúdos.

Na construção do porta chaves (anexo 32) verificou-se que o grande grupo atingiu com êxito os seguintes indicadores: “explora e tira partido da resistência e plasticidade da pasta modelar”, “modela utilizando somente as mãos” e “pinta com guaches”.

Relativamente ao desenho e ilustração de forma pessoal pode-se constatar um sucesso nas aprendizagens, assim como no domínio da exploração dos materiais e sua manipulação. Este sucesso foi particularmente constatado na construção do manjerico (anexo 33) por parte dos discentes.

Através do projeto de teatro conseguiu-se dar destaque às expressões artísticas e educação fisicomotora, nomeadamente na exploração de possibilidades motoras e expressivas do corpo e da voz, que obtiveram um balanço positivo nas aprendizagens por parte dos alunos.

Inicialmente o grande grupo apresentou dominar a improvisação coletiva. No entanto, mais de metade apresentou grandes dificuldades na exploração de possibilidades motoras e expressivas do corpo e da voz aquando a execução de tarefas propostas. Após a análise da avaliação formativa verificou-se que todos os discentes demonstraram uma evolução significativa destas aprendizagens. No

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

momento final da avaliação todo o grande grupo demonstrava capacidades de comunicação, expressão e criatividade nas propostas de trabalho.

Através do projeto de teatro as crianças adquiriram nova linguagem elementar de teatro uma vez que comunicavam entre si e entre a professora utilizando expressões adequadas a cada situação. Neste sentido, as aprendizagens relativas ao vocabulário, sobretudo, revelam-se bem conseguidas por todo o grande grupo.

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS: AVALIAÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

A prática educativa foi sustentada nos objetivos definidos no PI. Neste capítulo os objetivos serão avaliados, averiguando-se a sua consecução no contexto de intervenção. A realização da avaliação do projeto de intervenção baseou-se na análise das grelhas comparativas da avaliação diagnóstica, formativa e final de cada objetivo (anexos 23 - 26).

De uma forma geral foi possível verificar que todos os objetivos gerais foram adequados ao plano de intervenção e promoveram aprendizagens nos alunos.

No que toca ao primeiro objetivo – Cooperar na realização de trabalhos comuns – constatou-se uma evolução da cooperação entre os pares e o grupo-turma (anexos 23 e 26). Numa fase inicial (diagnose) não foram observados dados suficientes referentes a este objetivo. Porém no decorrer da prática e através das avaliações formativa e sumativa concluiu-se que a implementação do trabalho cooperativo foi benéfico no processo de aprendizagem. Durante a avaliação formativa quatro alunos não cooperaram com o grupo nas tarefas comuns, seis não cooperavam com o par quando trabalhos a pares eram propostos e apenas dois não conseguiam desempenhar de forma responsável a sua função no grupo. Mais tarde, no momento de avaliação final, denotou-se uma evolução no que toca à cooperação entre membros do grande grupo. Somente dois alunos ainda não cooperavam com os colegas na realização de tarefas e apenas três não interagiam com os parceiros no desenrolar de tarefas comuns. Uma das crianças que não apresentou evolução nas suas aprendizagens no que toca à cooperação foi o aluno identificado como NEE, uma vez que este privilegiava o trabalho individual cooperando somente quando solicitado.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Após a interpretação da autoavaliação efetuada pelos alunos, concluiu-se que a metodologia de grupo foi a preferida do grande grupo. Desta forma, constatou-se que o primeiro objetivo geral foi o mais significativo.

Relativamente ao segundo objetivo – Escrever pequenos textos – pode-se constatar uma evolução significativa das aprendizagens, tal como espelha a grelha do anexo 24 e o gráfico do anexo 26. Ao introduzir-se o processo interativo de escrita de pequenos textos, proporcionou-se a aquisição de aprendizagens que deram resposta ao objetivo em questão, visto que o grande grupo revelou ótimos resultados na produção de textos diferenciados. Numa primeira fase de avaliação (diagnose), não foi observada a planificação e redação de pequenos textos, pois os alunos produziam somente pequenas frases. Ainda no momento da diagnose detetou-se que quatro alunos não aplicavam corretamente os sinais de pontuação e sete discentes não adequavam a utilização correta de letras maiúsculas e minúsculas.

Numa segunda fase avaliativa (avaliação formativa), verificou-se que as dificuldades de aprendizagem cingiam-se apenas ao registo e organização de informação numa tabela por parte de cinco alunos da turma e a escrever legivelmente e com correção ortográfica, respeitando a pontuação na elaboração de uma cena do texto dramático por parte de 6 discentes. É de realçar que o grupo demonstrou dificuldades na produção do texto dramático, visto que este exigiu a cooperação entre elementos da turma para a sua resolução, o que se tornou um obstáculo.

De uma forma global a turma escrevia legivelmente e com correção ortográfica pequenos textos de acordo com o modelo do anúncio e do convite, assim como escrevia pequenos textos descritivos respeitando as convenções gráficas, ortográficas e de pontuação. Neste seguimento pode-se concluir que este objetivo foi adequado ao contexto de intervenção, denotando-se uma evolução dos discentes nas suas aprendizagens relativamente à escrita de pequenos textos.

Por último, no terceiro objetivo – Ler para enriquecimento pessoal – verificou-se um aprimoramento da competência leitora. Na primeira fase avaliativa constatou-se que sete alunos apresentavam fragilidades na execução da leitura e manifestavam dificuldades na localização de informação no texto e na antecipação de conteúdos tendo por base o título e as ilustrações de obras. Ao longo do processo de aprendizagem denotou-se que quatro alunos demonstravam pouca

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

autonomia na leitura. Na fase final da avaliação três alunos demonstravam dificuldades na leitura de textos e no encontrar da informação pretendida.

De uma forma geral a turma lia pequenas frases com autonomia e entoação e antecipava conteúdos de histórias através das ilustrações e título. Concluindo, a potencialidade da turma foi estimulada, levando-a a uma evolução na aquisição de aprendizagens.

Evidencia-se que todos os objetivos gerais do projeto de intervenção foram cumpridos com êxito, o que levou a aprendizagens significativas por parte dos alunos. A estrutura cooperativa de diferenciação interligada às aprendizagens centradas no aluno mobilizaram aprendizagens cognitivas e sociais. Em suma, na consecução dos objetivos gerais do projeto de intervenção definiram-se estratégias e métodos adequados ao grupo alvo, assim como aos conteúdos a desenvolver.

7. UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE A PERCEÇÃO DAS CRIANÇAS SOBRE O TRABALHO PRÁTICO E SEU CONTRIBUTO NAS APRENDIZAGENS.

7.1. Definição da problemática

Durante o período de observação conclui-se que as crianças tinham tido pouco contacto com trabalhos experimentais no domínio das ciências da natureza. Embora fosse uma turma do 1.º ano de escolaridade, considerou-se pertinente esta introdução. Esta decisão teve em conta as potencialidades da turma, assim como se considerou relevante o contributo do trabalho experimental para o desenvolvimento de inúmeras competências no aluno salientado por vários autores. Por exemplo, para De Pro Bueno e Johnston (1998, 1996, citado em Afonso, 2008, p. 21) “(...) o trabalho experimental é um dos pilares da ciência, (...) a formação científica sem trabalho experimental falha em refletir a verdadeira natureza da atividade científica”.

A atividade experimental realizada foi relativamente ao processo de germinação que vai ao encontro do Programa do Estudo do Meio do Ensino Básico – 1.º ciclo (2004), “bloco 3 – à descoberta do ambiente natural: os seres vivos do seu ambiente”.

O tema de investigação inicialmente pensado foi acerca da importância das atividades experimentais na aprendizagem da germinação. No entanto, devido a problemas de força maior foi necessário rever o tema e o processo de investigação e este retomou o seu rumo somente em 2015 quando a turma já se encontrava a

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

frequentar o 3.º ano de escolaridade. O tema de investigação deste relatório definido é então o seguinte: **A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.**

Para tal procedeu-se a uma revisão de literatura sobre este tema, e foram consultados vários autores para uma maior compreensão de conceitos (trabalho prático, laboratorial e experimental) e para uma verificação da importância das atividades experimentais no 1.º ciclo. Por fim irá-se analisar os dados recolhidos e os resultados obtidos ao longo da investigação, tentando-se compreender de que forma é que as crianças percebem o trabalho prático e qual o seu contributo para as suas aprendizagens.

7.2. Trabalho prático – experimental / laboratorial

Existem vários tipos de trabalhos práticos e cada qual pretende atingir objetivos diferenciados. Após uma leitura de vários autores, constatou-se que nem todos utilizam a mesma nomenclatura para caracterizar estes tipos de trabalho.

O **trabalho prático** é todo aquele em que o aluno se envolve, interagindo ou não com materiais, na realização de tarefas propostas. Assim, “Qualquer método de aprendizagem que exija que os alunos sejam ativamente envolvidos (no domínio psicomotor, cognitivo e afetivo), pode ser descrito como trabalho prático” Hodson (1994, citado por Santos, 2002, p.38).

Existem quatro tipos de atividades práticas e cada qual têm um grau de elaboração diferente. Segundo Caamaño (2003, citado em Martins et.al., 2007, p.40) estas atividades dividem-se em experiências sensoriais, ou seja, baseadas nos cinco sentidos; experiências de verificação ou ilustração; exercícios práticos orientados para competências laborais, cognitivas, comunicativas e ilustração; e Investigações teóricas e práticas.

Dentro do trabalho prático ainda podemos encontrar o trabalho prático investigativo, consistindo este em tarefas que têm como propósito dar resposta a uma problemática ou questão problema. Segundo Martins, (2002, citado por Martins, et. al., 2007, p.42) existem quatro etapas de desenvolvimento de um trabalho prático investigativo: definição da problemática, metodologia a adotar, análise de dados recolhidos e conclusões retiradas e criação de nova problemática.

Trabalho experimental é um conceito que é alvo de várias interpretações erróneas, que por sua vez leva à confusão entre o conceito Experiências. Trabalho

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

experimental segundo Leite (2001, citado em Verissimo, et al, 2001) “Inclui atividades que envolvem controlo e manipulação de variáveis. Assim apenas as experiências que cumpram este critério são consideradas TE”. (pp. 14-15) Desta forma distingue-se trabalho experimental e não experimental através da metodologia utilizada na atividade prática.

O que define **trabalho laboratorial** não são as metodologias de execução, uma vez que este tipo de trabalho pode implementar inúmeras metodologias e execução. Trabalho laboratorial inclui então, segundo Hofstein, (1988 citado em Santos, 2002) “atividades desenvolvidas em ambiente de laboratório (...)”. (p.38) Desta forma, são todas as atividades que decorrem em laboratório ou em sala de aula, onde os alunos utilizam materiais específicos na exploração de procedimentos científicos. “O trabalho laboratorial inclui atividades que requerem a utilização de materiais de laboratório, mais ou menos convencionais, e que podem ser realizadas num laboratório (...)”. Hodson (1988, citado em Verissimo, et al, 2001, p.14)

Em suma pode-se afirmar que o trabalho prático pode ser experimental ou laboratorial, ou experimental e laboratorial, visto que existe uma complementaridade entre ambos.

7.3. A importância das atividades experimentais no 1.º ciclo

O ensino das ciências proporciona o desenvolvimento da “(...) curiosidade natural das crianças. E ao mesmo tempo que vai ao encontro dessa curiosidade (...) contribui para o desenvolvimento e maturação das capacidades intelectuais da criança” (Afonso, 2008, p. 19). Desta forma o ensino das ciências torna-se fundamental a partir dos primeiros anos, uma vez que desenvolve a “(...) capacidade de investigar, formular problemas, pensar em possíveis respostas, saber se as suas ideias são sustentáveis e comunicar claramente os seus resultados” (Afonso, 2008, p.20). Neste seguimento, ainda que pareça prematuro e não produtivo, os trabalhos experimentais no 1.º ciclo são bastante benéficos uma vez que o “(...) trabalho experimental é um dos pilares da ciência (...) e a formação científica sem trabalho experimental falha em refletir a verdadeira natureza da atividade científica” (Afonso, 2008, p.21).

É sabido que este tipo de trabalho, devido à sua metodologia promove na criança o desenvolvimento das competências de observação, classificação,

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

formulação de questões e levantamento de hipóteses. Assim, “o trabalho experimental pode desenvolver capacidades críticas e qualificativas necessárias para interpretar dados e avaliar a sua pertinência e validade” (Afonso, 2008, p.21).

Segundo Wellington (1998, citado por Martins et al., 2007, p.38) os argumentos que defendem a utilização do trabalho prático abrangem 3 domínios – cognitivo, afetivo e processual. Em cada domínio são explicitados alguns objetivos. No que toca ao domínio cognitivo, os objetivos são promover na criança a compreensão de conceitos, a capacidade de experimentar para testar hipóteses e a promoção do raciocínio lógico. No domínio afetivo os objetivos são a motivação dos alunos, o estabelecimento de relações com o próximo e desenvolver no trabalho de equipa atitudes críticas. Por último, no domínio processual os objetivos são proporcionar contacto direto com os fenómenos, manipular instrumentos de medida, conhecer técnicas laboratoriais e de campo, contactar com a metodologia científica, fomentar a observação e descrição e por último resolver problemas práticos.

Segundo Griffin (1998, citado por Santos, 2002, p. 39) os três grandes objetivos do trabalho prático são “aprofundar a compreensão das ideias científicas, experimentar os processos científicos e adquirir a estrutura sintática do conhecimento científico”. No entanto para os autores Kirchner e Huisman (1998, citados por Santos, 2002, p.39) os objetivos da implementação do trabalho prático são ensinar a criança a ter uma abordagem académica na resolução de um problema desenvolvendo competências de investigação, desenvolver competências científicas necessárias ao trabalho científico e proporcionar aos alunos experienciar fenómenos de forma a atingir o seu conhecimento implícito.

7.4. Metodologia

Para dar resposta à questão **Qual percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens?** foram definidos os seguintes objetivos que nortearam a presente investigação:

- perceber o que entendem as crianças por trabalho prático;
- verificar se já efetuaram trabalhos práticos alguma vez e qual a frequência com que o fizeram;
- identificar os conteúdos/conceitos abordados através deste tipo de trabalho;
- verificar como as crianças avaliam o contributo deste tipo de trabalho nas suas aprendizagens, comparando-o com outras estratégias utilizadas pelo professor, nomeadamente a exposição.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

É de realçar o interesse de entender de que forma é que as crianças estão familiarizadas com este tipo de trabalho, se este é recorrente na sala e que conteúdos são abordados e a ele associados. Outro interesse é entender qual a consciência dos alunos relativamente à aquisição de conteúdos através do trabalho prático, verificando se o mesmo é facilitador das aprendizagens quando comparado, por exemplo, com a exposição feita pelo professor dos conteúdos a adquirir. Para tal, aplicou-se um questionário aos alunos (anexo 34), utilizando o termo experiências como sinónimo de trabalho prático. Desta forma, procurou-se ir ao encontro do termo recorrentemente usado pelas crianças e que também ajudou a situá-las mais facilmente no âmbito do trabalho prático relacionado com as Ciências da Natureza. O questionário é constituído por questões abertas e fechadas (anexo 34).

Antes do questionário ser aplicado à turma em questão foi revisto e pilotado num pequeno grupo de 7 crianças que frequentavam o mesmo ano de escolaridade (3.º ano) e pertenciam à mesma faixa etária (dos sete aos oitos anos de idade). Esta pilotagem teve como intuito verificar possíveis erros na formulação das questões. Na pilotagem não foram detetados aspetos suscetíveis de mudança e o questionário foi aplicado à amostra de estudo.

Quanto ao tratamento de dados, adotou-se uma metodologia quantitativa no processo de recolha dos mesmos.

7.5. Apresentação da análise dos resultados do questionário.

De seguida apresentam-se os resultados do questionário, indo ser essa apresentação realizada pergunta a pergunta.

1ª. PARTE

Questão 1. – Possivelmente que sabes que se podem realizar experiencias na sala de aula. Diz o que entendes por ir fazer uma experiência.

As respostas dos alunos (anexo 35) foram categorizadas, procurando-se não alterar o sentido das ideias. De seguida apresenta-se a tabela com as categorias criadas e a respetiva frequência de respostas inseridas em cada categoria.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Tabela 3 – Tabela de dados das respostas à questão 1.

Categorização das respostas	Número de alunos que respondeu
Aprender como as coisas funcionam;	2
É um dia normal;	1
Fazer coisas novas;	3
É uma diversão;	7
É um dia diferente;	2
Fazer coisas diferentes;	3
Juntar químicos;	2
Aprender coisas novas;	5
Mexer em coisas que nunca mexemos;	7
É um dia especial;	1
Fazer poções com luvas específicas;	1
Trabalhar em conjunto;	1
Total:	35

Fonte: Próprio autor

Nota ¹ Alguns alunos apresentaram mais do que uma ideia e por isso o total de ideias ultrapassa o número da amostra

Ao analisar os dados da tabela conclui-se que, para uma parte significativa da turma, “ir fazer uma experiência” é uma atividade que envolve diversão e que proporciona a oportunidade de manipular materiais desconhecidos por parte das crianças. Somente cinco discentes consideraram que este tipo de atividades promove aprendizagens.

Questão 2. – Alguma vez realizaste experiências na sala de aula?

Passa-se à apresentação da tabela que apresenta as respostas dos alunos à questão 2.

Tabela 4 – Tabela de dados das respostas à questão 2.

Respostas	Número de alunos que respondeu
Sim;	24
Não;	0

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Total:	24
---------------	----

Fonte: Próprio autor

Ao interpretar a tabela, concluiu-se que todos os alunos afirmaram já ter realizado experiências em sala de aula.

Questão 2.1. – Em que ano ou anos de escolaridade as realizaste?

A baixo apresenta-se a tabela que representa os dados das respostas dos alunos à questão 2.1.

Tabela 5 – Tabela de dados das respostas à questão 2.1.

Respostas	Número de alunos que respondeu
1º., 2º. e 3º. Anos de escolaridade;	20
2º. e 3º. Anos de escolaridade;	1
1º. Ano de escolaridade;	1
3º. Ano de escolaridade;	1
1º. e 2º. Anos de escolaridade	1
Total:	24

Fonte: Próprio autor

Segundo os dados da tabela concluiu-se que a maioria dos alunos da turma realizou experiências ao longo do 1.º, 2.º e 3.º anos de escolaridade.

Questão 2.2. – Com que frequência?

De seguida apresenta-se a tabela dos dados das respostas dos alunos à questão 2.2.

Tabela 6 - Tabela de dados das respostas à questão 2.2.

Respostas	Número de alunos que respondeu
Semanalmente	8
Mensalmente	14
Apenas uma vez num ano letivo	2
Total:	24

Fonte: Próprio autor

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

De acordo com a tabela, a maioria dos alunos afirmou realizar atividades experimentais uma vez por mês (14 alunos), enquanto que oito alunos semanalmente e somente dois apenas uma vez ao longo do ano letivo. Desta forma nem todas as crianças têm uma noção da frequência deste tipo de atividades.

Questão 2.3. – Assinala com um X se gostas ou não deste tipo de atividade.

A tabela a baixo representa as respostas dos alunos à questão 2.3.

Tabela 7 - Tabela de dados das respostas à questão 2.3.

Respostas	Número de alunos que respondeu
Gosto Muito	24
Gosto	0
Assim-Assim	0
Não gosto	0
Total:	24

Fonte: Próprio autor

Tendo em conta a tabela, concluiu-se que todos os alunos gostam muito de realizar atividades experimentais.

Questão 2.4. – Justifica a tua resposta anterior.

As respostas dos alunos (anexo 36) foram categorizadas em grupos, procurando-se não alterar o sentido das ideias. No momento seguinte apresenta-se a tabela com as respostas dos discentes à questão 2.4.

Tabela 8 - Tabela de dados das respostas à questão 2.4.

Respostas	Número de alunos que respondeu
Gosto de realizar experiências;	6
É engraçado/ giro/ fixe/ divertido;	13
Gosto de juntar químicos líquidos;	1
Sinto-me um cientista;	1
Fazemos coisas diferentes;	1
Aprendo coisas novas;	2
Gosto de fazer exemplos;	1
Faço coisas que nunca fiz;	1

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

É uma forma de ser feliz;	1
Porque é uma ficha para dizer a verdade;	1
Não respondeu;	1
Total:	30

Nota ² Alguns alunos apresentaram mais do que uma ideia e por isso o total de ideias ultrapassa o número da amostra

Fonte: Próprio autor

Ao analisar os dados da tabela concluiu-se que uma parte significativa do grande grupo gosta de realizar experiências assinalando também que as mesmas envolvem atividades “engraçadas/ giras/ divertidas/ fixes”.

Questão 2.5. – Dá exemplos de experiências que tenhas realizado na sala de aula.

A baixo apresenta-se a tabela com os registos das respostas dos alunos à questão 2.5.

Tabela 9 - Tabela de dados das respostas à questão 2.5.

Respostas	Número de alunos que respondeu
Experiência circuito elétrico;	14
Experiência do vulcão;	14
Experiência do teatro de sombras;	4
Experiência da germinação;	22
Experiência da batata doce	13
Experiência dos solos;	3
Experiência dos planetas;	3
Experiência do lagarto;	6
Experiência das tintas;	2
Experiência dos animais;	3
Experiência do algodão.	1
Total:	85

Nota ³ Alguns alunos apresentaram mais do que uma ideia e por isso o total de ideias ultrapassa o número da amostra

Fonte: Próprio autor

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Segundo a tabela, a experiência referente à germinação é a mais lembrada pelos discentes e de seguida são as experiências do circuito elétrico, do vulcão e da batata doce.

Questão 2.6. – Se nunca realizaste experiências na sala de aula, porque achas que isso aconteceu? Explica o melhor que consegues.

A esta questão nenhum dos alunos respondeu. Este facto deve-se a todos eles terem consciência e confirmarem a realização de experiências em sala de aula.

2ª. Parte

Questão 1. – Como mais gostas de aprender?

Passa-se à apresentação da tabela representativa das respostas dos alunos à questão 1.

Tabela 10 - Tabela de dados das respostas à questão 1.

Respostas	Número de alunos que respondeu
Realizando experiências;	13
Ouvindo o professor dizer a matéria;	11
Total:	24

Fonte: Próprio autor

Ao analisar esta tabela verificou-se que o grande grupo dividia-se nas suas respostas, treze alunos gostavam de adquirir aprendizagens através da realização de experiências e onze através da exposição de conteúdos por parte da professora.

Questão 1. a) – Explica a tua opção na pergunta anterior.

As respostas dos alunos (anexo 37) foram categorizadas em grupos, procurando-se não alterar o sentido das ideias. Apresenta-se então a tabela com os dados das respostas à questão 1 a).

Tabela 11 - Tabela de dados das respostas à questão 1 a).

Respostas	Número de alunos que respondeu
“Realizando experiências”	

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Aprendemos experiências novas;	1
Gosto de realizar experiências;	2
Gosto de químicos;	1
Gosto mais de experiências do que ouvir a matéria;	2
Porque a professora diz as respostas;	1
É divertido/ giro/ interessante;	6
É melhor aprender assim;	2
Podemos aprender a brincar;	1
“Ouvindo o professor”	
Porque assim aprendo mais;	4
Porque se o professor não explica nós não aprendemos;	2
Porque assim fico esperto;	1
Porque assim passo de ano;	1
Porque se fizer experiências sozinha faço porcaria;	1
Percebo melhor;	2
Total:	27

Nota ⁴ Alguns alunos apresentaram mais do que uma ideia e por isso o total de ideias ultrapassa o número da amostra

Fonte: Próprio autor

Segundo a tabela a cima representada, no separador “realizando experiências”, há uma predominância em algumas respostas: seis alunos justificaram as suas escolhas por ser divertido/giro/interessante, dois por gostarem de realizar experiências, outros dois por gostarem mais de realizar experiencias do que ouvir a professora a expor conteúdos e por fim também dois alunos afirmaram aprender melhor ao realizar experiências.

No separador “ouvindo o professor”, quatro alunos justificaram a sua escolha dizendo que aprendem mais ao ouvir o professor, dois afirmam que se o professor não explicar não aprendem e outros dois defendem que desta forma percebem melhor os conteúdos.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Questão 2. – Como te recordas mais facilmente da matéria?

De seguida apresenta-se a tabela representativa das respostas dos alunos à questão 2.

Tabela 12 - Tabela de dados das respostas à questão 2.

Respostas	Número de alunos que respondeu
Realizando experiências;	7
Ouvindo o professor dizer a matéria;	17
Total:	24

Fonte: Próprio autor

Como se pode constatar a maioria dos alunos assinalou a resposta “ouvindo o professor”.

Questão 2. a) – Explica a tua opção na pergunta anterior.

As respostas dos alunos (anexo 38) foram categorizadas em grupos, procurando-se não alterar o sentido das ideias. Seguidamente as respostas à questão 2. a) foram organizadas na seguinte tabela:

Tabela 13 - Tabela de dados das respostas à questão 2 a).

Respostas	Número de alunos que respondeu
“Realizando experiências”	
Porque é mais fácil;	1
Fico mais esperto;	1
Gosto de experiências;	2
Aprendo mais;	1
Porque aprender a brincar é mais giro;	1
Porque podemos observar durante mais tempo;	1
“Ouvindo o professor”	
Porque me recordo melhor;	4

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Porque aprendo mais;	4
Porque se o professor disser a matéria toda não aprendemos;	1
Porque se não, não aprendemos;	2
Porque podemos-nos concentrar;	1
Não perdemos tempo;	1
Fico mais esperto;	1
Porque a professora pode repetir a matéria;	1
Porque percebo melhor;	1
Porque assim é mais fácil.	1
Total:	24

Fonte: Próprio autor

No primeiro separador registam-se as razões dos alunos que preferem realizar experiências. No segundo separador encontram-se as razões de preferência pelo método expositivo. Nesta situação, quatro alunos justificam a sua escolha dizendo que se recordam melhor dos conteúdos quando o professor os expõe, outros quatro afirmam que desta forma têm uma maior aprendizagem e, por fim, dois defendem que se não for através da exposição de conteúdos por parte do professor não desenvolvem a aprendizagem dos conteúdos.

Questão 3. – Como te sentes mais concentrado e motivado?

A tabela seguinte organiza as respostas dos discentes à questão 3.

Tabela 14 - Tabela de dados das respostas à questão 3.

Respostas	Número de alunos que respondeu
Realizando experiências;	9
Ouvindo o professor dizer a matéria;	15
Total:	24

Fonte: Próprio autor

Relativamente à questão 3. a maioria dos alunos selecionou a resposta “Ouvindo o professor a dizer a matéria”.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Questão 3. a) – Explica a tua opção na pergunta anterior.

As respostas dos alunos (anexo 39) foram categorizadas em grupos, procurando-se não alterar o sentido das ideias. A tabela seguinte organiza as respostas dadas pelos alunos através das categorias.

Tabela 15 - Tabela de dados das respostas à questão 3 a).

Respostas	Número de alunos que respondeu
“Realizando experiências”	
Podemos participar com frequência;	2
Estou motivado/ Entusiasmado a fazer experiências;	3
Porque gosto de experiências;	2
Porque sinto-me mais concentrado;	1
Porque fico contente;	1
Porque não conheço algumas experiências;	1
“Ouvindo o professor”	
Porque gosto de ouvir a professora;	2
Sinto-me mais concentrado;	5
Porque assim decoro;	3
É uma melhor forma de aprender;	3
Porque aprendemos mais coisas;	3
Sinto-me mais motivado;	1
Porque a professora explica-nos a matéria;	1
Total:	28

Nota ⁵ Alguns alunos apresentaram mais do que uma ideia e por isso o total de ideias ultrapassa o número da amostra

Fonte: Próprio autor

No separador da tabela “realizando experiências”, dois alunos justificaram a sua escolha afirmando que, desta forma, poderiam participar com frequência, três alunos defenderam que se sentiram mais concentrados e motivados ao realizar

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

experiências e outros dois justificaram a sua escolha através do seu gosto por experiências.

Relativamente ao separador “Ouvindo o Professor”, cinco alunos justificaram a sua escolha afirmando que se sentiram mais concentrados ao ouvir o professor, sendo esta a resposta predominante.

7.6. Conclusões

Ao longo deste estudo, pretendeu-se averiguar qual a percepção das crianças sobre o trabalho prático e o seu contributo nas aprendizagens. É de realçar que o termo experiências foi utilizado como sinónimo de trabalho prático de forma a ir ao encontro do termo recorrentemente usado pelas crianças.

Após o tratamento das informações recolhidas através da aplicação do questionário ao grupo-turma foi possível dar resposta aos objetivos que nortearam a presente investigação.

Relativamente ao primeiro objetivo – perceber o que entendem as crianças por trabalho prático – verificou-se que a maior parte da turma tem uma noção do que é “ir fazer uma experiência”. Vários alunos mencionaram que realizar este tipo de trabalho envolvia manipulação de materiais nunca antes manipulados, assim como a realização de atividades diferentes e novas. Nestas declarações está subentendida a envolvência do aluno numa atividade, e sendo o trabalho prático todo aquele que envolve o aluno, interagindo ou não com materiais, na realização de tarefas, conclui-se que a maioria dos discentes tem uma noção de conceito de trabalho prático.

Quanto ao segundo objetivo – verificar se os alunos já efetuaram trabalhos práticos alguma vez e qual a frequência com que o fizeram – verificou-se que todos os alunos têm consciência de que já elaboraram trabalhos práticos no seu percurso escolar. Maioritariamente, o grupo-turma assume ter realizado este tipo de trabalho no 1.º, 2.º e 3.º anos de escolaridade do Ensino Básico, onde a frequência da realização dos mesmos, segundo catorze discentes, foi mensal e segundo oito foi semanalmente. Desta forma, parece verificar-se ser frequente a realização de trabalhos práticos. Ainda dentro deste objetivo, achou-se pertinente averiguar qual o nível de satisfação dos discentes ao realizarem trabalhos práticos. A totalidade dos alunos manifestou um grande nível de satisfação na realização deste tipo de trabalho, justificando por se tratar de um trabalho engraçado/giro/fixe/divertido.

No terceiro objetivo – Identificar os conteúdos/conceitos abordados através deste tipo de trabalho – as respostas dos discentes foram as mais variadas. No

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

entanto destacaram-se os trabalhos práticos da germinação, do vulcão, do circuito elétrico, da batata doce e do lagarto. Assim, talvez as atividades praticas mais mencionadas sejam as que promoveram aprendizagens mais significativas.

Por fim, quanto ao quarto objetivo – Verificar como as crianças avaliam o contributo deste tipo de trabalho nas suas aprendizagens comparando-o com outras estratégias utilizadas pelo professor, nomeadamente a exposição – foi possível verificar que o grupo se encontra-se no que toca à sua preferência pelo método de aprendizagem. Um dos grupos, formado por treze discentes, afirmou que gostava de adquirir aprendizagens através da realização de experiências. A maioria destas crianças justificou a sua escolha por este tipo de atividade ser divertida/gira/interessante. Uma minoria deste grupo justificou a sua opção considerando que através deste tipo de atividade aprende mais, é mais interessante do que uma aula expositiva e por gostar de realizar “experiências”. O segundo grupo, composto por onze discentes afirmou gostar mais de adquirir aprendizagens através da exposição de conteúdos por parte do professor. Quatro elementos deste grupo justificam a sua escolha ao defender que assim aprendiam mais, dois afirmaram que assim percebiam melhor os conteúdos e outros dois defenderam que se o professor não expõe o conteúdos não há uma aprendizagem. No que toca à questão de memorização dos conteúdos, o grande grupo também se encontra dividido em dois pequenos grupos. O primeiro formado por sete elementos, afirmou que se recorda mais facilmente dos conteúdos abordados quando realiza “experiências”. As justificações da seleção desta opção pelos discentes, andam em torno do seu gosto por trabalhos práticos, onde alguns alunos em particular acrescentaram que aprender a brincar é mais giro, mais fácil e aprende-se mais. O segundo pequeno grupo é constituído por dezassete elementos e defende recordar-se mais facilmente a matéria ouvindo o professor expor os conteúdos. As justificações destas crianças resumem-se em afirmar que desta forma recordam melhor as aprendizagens, aprendem mais e que se assim não fosse não adquiriam aprendizagens.

Relativamente à motivação e à concentração o grupo-turma novamente revelou duas tendências opostas. A primeira, foi manifestada por nove discentes que defenderam se sentir mais motivados e concentrados ao realizar os trabalhos pedidos, uma vez que gostam de “experiências” e podiam participar na aula com mais frequência. A segunda, constituída por quinze elementos, defende que a sua concentração é maior ao ouvir o professor expor os conteúdos, uma vez que se sentiram mais concentrados e desenvolviam aprendizagens mais facilmente.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este último ponto tem como objetivo apresentar as considerações finais inerentes à PES e ao percurso formativo para a docência. Através da PES foi desenvolvida uma atitude crítica relativamente à intervenção e à capacidade para refletir sobre prática. Foi proporcionado o contacto com diferentes meios socioeducativos, o que levou a um crescimento profissional, uma vez que “é pensando criticamente sobre a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (Freire, 1997, p.43).

Durante a reflexão crítica destacam-se algumas situações positivas e alguns constrangimentos vividos no âmbito da PES II. Um aspeto positivo no decorrer da prática remete-se para a satisfação e concretização pessoal sentida no decurso da intervenção, tendo-se privilegiado a qualidade e as pedagogias ativas. Outros aspeto desafiante e positivo foi o desenvolvimento de metodologias e estratégias para dar resposta aos objetivos gerais do projeto tendo sempre em conta as particularidades do grupo-turma em questão. É de realçar também o trabalho em equipa, visto que a interação com a professora cooperante, supervisores institucionais, professores de ensino especial e das AEC assim como os colegas de Mestrado contribuíram para existência de vários momentos reflexivos durante a prática, necessários para dar respostas às exigências e dificuldades sentidas ao longo da intervenção pedagógica.

O principal constrangimento sentido durante a prática foram os momentos de negociação de atividades ou tarefas com a professora cooperante, uma vez que, por vezes, foi necessário abdicar de atividades/materiais já construídos e planificados para dar lugar à realização de exercícios do manual adotado pela turma. No entanto, este aspeto foi frequentemente ultrapassado através do diálogo com a professora cooperante.

Concluindo, este trabalho proporcionou a experimentação da docência em todos os seus aspetos, nas dificuldades, na realização pessoal, na procura de estratégias de forma a dar resposta às necessidades de cada aluno.

Todas estas experiências foram enriquecedoras e contribuíram para uma evolução enquanto futura profissional da educação e impulsionaram uma postura de constante pesquisa e reflexão, com o intuito de continuar a progredir no desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem com a finalidade do melhoramento do desempenho profissional.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A perceção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Referências bibliográficas

Afonso, M., (2008). *A educação científica no 1.º ciclo do Ensino Básico – Das teorias às práticas*. Porto: Porto editora.

Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Alfragide: Mc Graw-Hill.

Baquero, R. (2001). *Vygotsky e a aprendizagem escolar*. Porto Alegre: Artmed.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Coll, C., & Martín, E. (2004). *Aprender Conteúdos & Desenvolver Capacidades*. Porto Alegre: Artmed.

Estanqueiro, A. (2010). *Boas Práticas na Educação*. Lisboa: Editorial Presença.

Ferreira, C. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Freire, P. (1997). *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Editora Terra e Paz.

Hadji, C. (1994). *A avaliação, regras do jogo: das intenções aos instrumentos*. Porto: Porto Editora.

Hohman, M., Weikart, D. P. (2011). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Ketеле, J., & Roegiers, X. (1999). *Metodologia de recolha de dados*. Lisboa: Instituto Piaget.

Lopes, J., & Silva, H. (2009). *A aprendizagem cooperativa na sala de aula – Um guia prático para o professor*. Lisboa: LIDEL.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

- Moll, L. (2002). *Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Artmed.
- Morgado, J. (1999). *A relação pedagógica: diferenciação e inclusão*. Lisboa: Editorial Presença.
- Perrenoud, P. (1995). *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto Editora.
- Perrenoud, P. (2000). *10 Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artmed.
- Perrenoud, P. (2002). *A Escola e a Aprendizagem da Democracia*. Porto: Edições ASA.
- Perrenoud, P., Bolsterli, M., Bonneton, D., Capitanescu, A., Gather-Thurler, M., Maulini, O. (2005). *A Escola de A a Z – 26 maneiras de repensar a Educação*. Porto Alegre: Artmed.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Trajectos. Lisboa: Gradiva.
- Roldão, M., Sá-Chaves, I., Freitas, V., Lemos, V. (1999). *Currículo: gestão diferenciada e aprendizagens de qualidade*. IV Fórum do Ensino Particular e Cooperativo. Maiadouro: aeep.
- Santos, M., (2002). *Trabalho experimental no ensino das ciências*. Lisboa: Ministério da Educação Instituto de Inovação educacional
- Serrasina, L., Gomes, F., Rosa, J., & Portela, J. (2011). *Formação contínua. Relatos e reflexões*. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Viana, F. (2006). *As rimas e a consciência fonológica*. Tema leitura- decifração. Minho: Instituto de Estudos da Criança.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A perceção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Revistas:

Aires, J. (2011). Integração Curricular e Interdisciplinaridade: Sinónimos?. Revista Educação Realidade, N.º 1., v. 36., 215-230.

Cabral, A. (2009). A construção da escola democrática. Uma reflexão com base em Jacques Delors et al., Licínio Lima e Jaume Carbonell Sebarroja. *Revista Lusófona de Educação N.º 9*, Lisboa, pp. 1-14.

Martins, I., Veiga, M., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., Couceira, F. (2007). Educação em Ciências e Ensino Experimental: Formação de Professores. *Explorando*, 34-46.

Tonucci, F. (1986). Contributos para a definição de um modelo educativo: da escola transmissiva à escola construtiva. *Análise psicológica*, 1(V). 169-178.

Verrissimo A., Pedrosa A., Ribeiro R., Almeida A., António M., Serra J., Alves J. M., Dourado L., Maia M. E., Freitas M., Ribeiro R. (2001). *Ensino experimental das ciências: (re)pensar o ensino das ciências*, V. 3, pp. 13 – 14.

Legislação consultada:

Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de janeiro. Diário da República, 1.ª Série – n.º 4. Ministérios da Educação.

Decreto-Lei nº 137/2012 de 2 de julho. Diário da República, 1ª Série – N.º 126.

Ministério da Educação. Lisboa.

Documentos eletrónicos:

ME-DEB (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação – DGIDC. Retirado de <http://www.dgidc.minedu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=2>.

ME-DGIDC (2004) *Organização Curricular e Programas – Ensino Básico 1.º Ciclo – Estudo do Meio*. Lisboa: Ministério da Educação – DGIDC.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A perceção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Fontes eletrónicas:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main, retirado em 17 de abril de 2013

<http://www.cm-amadora.pt/PageGen.aspx>, retirado em 17 de abril de 2013

<http://www.eb1padrehimalaia.web.pt/>, retirado em 17 de abril de 2013



Instituto Politécnico de Lisboa
Escola Superior de Educação de Lisboa



PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NO 1.º E 2.º CICLO
DO ENSINO BÁSICO:

Anexos

Daniela Ferreira

Relatório apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção do grau de mestre em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico

2015

Anexo 2 – Grelha de registo da avaliação diagnóstica de Português

Descritores		Alunos																							
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22		
Compreensão do Oral	Presta atenção ao que ouve de modo a tornar possível...	cumprir indicações																							
		responder a questões acerca do que ouviu																							
		Apreender o sentido global de textos ouvidos																							
Expressão Oral	Articula corretamente palavras, incluindo as de estrutura silábica mais complexa																								
	Usa vocabulário adequado ao tema e à situação																								
	Fala com progressiva autonomia																								
Leitura	Reconhece a representação gráfica da fronteira de palavra																								
	Identifica os sons da palavra e estabelece correspondências fonema/grafema e grafema/fonema																								
	Faz uma leitura através...	do reconhecimento global																							
		da correspondência fonema/grafema																							
	Antecipa conteúdos com base no título e nas ilustrações																								
	Lê, com entoação, em voz alta																								
Faz uma leitura que possibilita localizar a informação pretendida																									
Escrita	Escreve adequadamente maiúsculas e minúsculas																								
	Assinala mudanças de parágrafo																								
	Aplica os sinais de pontuação: ponto final, ponto de interrogação																								

Anexo 3 – Grelha de registo da avaliação diagnóstica de Matemática

Indicadores		Alunos																								
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22			
Números e Operações	Números Naturais	Utiliza a simbologia <, > e =																								
		Conta a partir de um número dado...	de 2 em 2																							
			de 5 em 5																							
			e 10 em 10																							
	Representa números na reta numérica;																									
	Operações com Números Naturais	Compreende a adição no sentido acrescentar;																								
		Compreende a subtração nos sentidos retirar, comparar e completar;																								
		Estima somas e diferenças;																								
Adiciona e subtrai recorrendo a estratégias de cálculo mental e escrito;																										
Resolve problemas envolvendo adições e subtrações;																										
Geometria e Medida	Dinheiro	Conhece moedas do euro																								
		Realiza contagens de dinheiro																								
		Representa valores monetários																								
		Resolve problemas envolvendo dinheiro																								
	Comprimento	Compreende a noção de comprimento																								
		Compara e ordena comprimentos																								
		Realiza medições utilizando unidades de medida não convencionais																								
	Tempo	Reconhece relações temporais:																								
		Explora calendários assinalando datas e acontecimentos																								

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A perceção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.





Orçãto da gaão ta nize m de		Lé e interpreta informação apresentada numa tabela	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	
		Responde a questões, onde a informação está apresentada numa tabela	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am
Ca tra pa ns ci de ad rsa es is		Explica ideias e processos e justifica resultados matemáticos	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am
		Representa informação e ideias matemáticas de diversas formas	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am
		Discute resultados, processos e ideias matemáticas	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am	Am

Legenda:	Am	Sim	Am	Às vezes	Am	Não	Am	Não observado
-----------------	----	-----	----	----------	----	-----	----	---------------

Anexo 4 – Grelha de registo da avaliação diagnóstica de Estudo do Meio

Descritores			Alunos																						
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
A Descoberta de Si Mesmo	O seu passado próximo	Descreve a sucessão de atos praticados ao longo do dia e da semana																							
		Nomeia os dias da semana																							
		Reconhece unidades de tempo: dia e semana																							
A Descoberta dos Outros e das Instituições	A sua escola – a sua classe	Participa na avaliação do trabalho																							
		Participa na dinâmica do trabalho em grupo e nas responsabilidades da turma																							
A Descoberta do Ambiente Natural	Os seres vivos do seu ambiente	Reconhece plantas como seres vivos																							
		Reconhece características dos animais																							
		Reconhece ambientes onde vivem os animais																							
		Distingue animais selvagens de domésticos																							
A Descoberta dos Materiais e Objetos	Os aspetos físicos do meio local	Regista as condições atmosféricas diárias																							
		Identifica propriedades físicas da água																							
A Descoberta dos Materiais e Objetos	Experiências com água	Manuseia objetos em situações concretas																							

Legenda:

Legenda:	 Sim	 Às vezes	 Não	 Não observado
----------	---	--	---	--

Anexo 5 – Fichas de diagnóstico

Nome: _____

Data: _____

Ficha diagnóstica de Língua Portuguesa

“A Dança do abraço”

Dança, criança,
A dança da trança.

Dança, moçoila,
a dança da papoila.

Dança Lourenço,
A dança do lenço,

Dança, palhaço,
A dança do laço.

E, dançando todos,
Vão todos
dançando A dança
do abraço.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A perceção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

António Torrado e outros, Lisboa Editora

1. Lê o texto, com atenção, e faz descobertas!
2. Pinta de **verde** os círculos consoante as sílabas da palavra. Pinta de **laranja** o círculo que corresponde à sílaba tónica.

Dança

Papoila

Lenço

Criança

3. Escreve as frases de acordo com o exemplo.

O menino é simpático e divertido.

A menina é simpática e divertida.



O gato é muito fofinho!

A gata _____



O leão é o rei da selva.

A _____



O senhor comprou um livro ao seu filho.

A _____

4. Completa os espaços:

Um laço, muitos _____



Várias bolas, uma _____



5. Escreve frases com as seguintes palavras:

Laço

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Criança

Trança

Nome: _____ Data: _____

Ficha diagnóstica de Matemática

Números e operações

1. Faz a correspondência:

20 + 10 20
50 - 30 30

50 + 20 70
70 - 20 50

Geometria e Medida Dinheiro

1. O Euro tem 8 moedas diferentes. Cola as moedas por ordem crescente (de menor valor para a de maior valor)

2. Para pagar o jornal, que custa **1 €**, o Paulo trouxe **5 moedas**.

2.1. És capaz de descobrir que moedas é que ele trouxe? Cola-as em baixo.

3. Cola em baixo 1 euro e 25 cêntimos.

4. O João quer comprar uma pastilha que custa **10 cêntimos**, mas só tem **5 cêntimos**. Quantos cêntimos faltam ao João para ele comprar a pastilha?

Resposta:

Comprimento

1. Cola as palhinhas por ordem crescente (da mais pequena à mais comprida).

2. Consegues construir **1 palhinha** com o mesmo comprimento da **palhinha maior**? Cola o resultado.

Tempo

1. Faz um X na resposta correta.

1.1. Durante a semana passas mais tempo na:

escola

casa

1.2. Levas mais tempo a:

escrever uma frase

ler um conto

1.3. O que demora mais:

o telejornal

os teus desenhos animados preferidos

1.4. O que te parece maior:

“o dia”

“a noite”

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

2.2. Em que dias da semana esteve só sol?

3. Pinta os animais que têm pelo e rodeia os que vivem na água.



3.1. Rodeia a **verde** os animais domésticos e a **azul** os animais selvagens.

Galinha

Leão

Cão

Urso

Tartaruga

Carapau

Pássaro

Golfinho

Anexo 6 – Grelha de avaliação das fichas de diagnóstico

Português

Percentagem	20%		30%				50%														Total Final					
Competências	Leitura	Total da Competência	Escrita			Total da Competência	Conhecimento Explícito da Língua																			Total da Competência
Indicadores de avaliação	Lê para responder a questões sobre o texto;		Escreve pequenas frases com correção				Forma femininos, masculinos			Forma singulares e plurais		Divide a palavra em sílabas;				Identifica a sílaba tónica;										
Questão	1		5.1	5.2	5.3		3.1	3.2	3.3	4.1	4.2	2.1	2.2	2.3	2.4	2.1	2.2	2.3	2.4							
Cotação	34,5	34,5	11	11	11	33	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	32,5	100					
Alunos																										
1	34,5	34,5	11	5,5	11	27,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	0	0	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	27,5	89,5	Satisfaz Bem				
2	34,5	34,5	11	5,5	5,5	22	2,5	0	2,5	2,5	2,5	0	2,5	0	0	2,5	2,5	2,5	0	20	76,5	Satisfaz Bem				
3	34,5	34,5	11	11	11	33	2,5	2,5	0	2,5	2,5	0	0	0	0	2,5	2,5	0	0	15	82,5	Satisfaz Bem				
4	34,5	34,5	11	11	11	33	0	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	0		27,5	95	Excelente	0-19	Fraco		
5	34,5	34,5	5,5	0	5,5	11	0	0	0	2,5	2,5	0	0	0	0	0	0	2,5	0	7,5	53	Satisfaz	20-49	Não satisfaz		
6	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		50-69	Satisfaz	
7	34,5	34,5	5,5	0	0	5,5	0	2,5	0	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	0	0	2,5	2,5		22,5	62,5	Satisfaz	70-89	Satisfaz Bem		
8	34,5	34,5	11	11	11	33	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5		32,5	100	Excelente	90-100	Excelente		

Critérios

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

9	34,5	34,5	11	0	5,5	16,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	0	2,5	2,5	0	2,5	2,5	2,5	0	25	76	Satisfaz Bem			
10	34,5	34,5	11	11	11	33	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	32,5	100	Excelente			
11	34,5	34,5	11	5,5	11	27,5	0	2,5	0	2,5	2,5	0	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	0	22,5	84,5	Satisfaz Bem			
12	34,5	34,5	5,5	5,5	5,5	16,5	0	0	2,5	2,5	2,5	0	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	25	76	Satisfaz Bem			
13	34,5	34,5	11	11	5,5	27,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	0	30	92	Excelente			
14	34,5	34,5	5,5	5,5	5,5	16,5	2,5	2,5	2,5	0	2,5	0	0	0	0	2,5	2,5	2,5	2,5	20	71	Satisfaz Bem			
15	34,5	34,5	11	11	11	33	2,5	2,5	0	0	2,5	0	0	0	0	2,5	2,5	0	0	12,5	80	Satisfaz Bem			
16	34,5	34,5	11	5,5	5,5	22	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	0	2,5	2,5	2,5	0	2,5	0	0	22,5	79	Satisfaz Bem			
17	34,5	34,5	11	11	5,5	27,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	0	2,5	2,5	2,5	0	0	2,5	2,5	25	87	Satisfaz Bem			
18	34,5	34,5	11	0	0	11	0	2,5	0	2,5	2,5	0	0	2,5	2,5	0	0	2,5	0	15	60,5	Satisfaz			
19	0	0	5,5	5,5	11	22	0	0	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	0	0	2,5	0	20	42	Não satisfaz			
20	34,5	34,5	11	11	11	33	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	32,5	100	Excelente			
21	34,5	34,5	11	0	11	22	2,5	2,5	2,5	0	2,5	0	0	0	0	2,5	2,5	2,5	2,5	20	76,5	Satisfaz Bem			
22	34,5	34,5	11	5,5	11	27,5	0	0	0	0	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	22,5	84,5	Satisfaz Bem			

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A perceção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Matemática

Percentagem	20%					80%																						
Tema	Números e Operações					Geometria e Medida																						
Conteúdos	Operações com números naturais					Dinheiro					Comprimento				Tempo						T o t a l F i n a l							
Capacidades transversais	Raciocínio Matemático					Raciocínio Matemático					Raciocínio Matemático				Raciocínio Matemático													
Objetivos específicos	Adicionar recorrendo a estratégias de cálculo		Subtrair recorrendo a estratégias de cálculo mental;			Conhecer e relacionar as moedas do euro e realizar contagens;			Representar valores monetários;		Resolver problemas envolvendo dinheiro;		Compreender as noções de comprimento;		Comparar e ordenar comprimentos;		Estabelecer relações entre factos e ações que envolvam noções temporais;											
Indicadores de avaliação	mental; Faz a correspondência correta;					Realiza contagens de dinheiro;		Ordena as moedas por ordem crescente;	Representa valores monetários;		Interpreta informação na resolução do problema	Ordena os comprimentos;	Faz equivalências entre comprimentos através de		Faz equivalências entre comprimentos através de	Ordena os comprimentos;	Estima acontecimentos;											
Questão	1.1	1.3	1.2	1.4		2.1	3	1	3	2.1	4	1	2	2	1	1.1	1.2	1.3	1.4									
Cotação	4,5	4,5	4,5	4,5	18	4,5	4,5	4,5	4,5	4,5	5,5	28	4,5	4,5	4,5	4,5	18	9	9	9		9	36	100				
Alunos	0					0					0				0				0									
1	4,5	4,5	4,5	4,5	18	0	0	0	0	0	0	0	4,5	0	0	4,5	9	9	9	9	9	36	63	Satisfaz				
2	4,5	4,5	4,5	4,5	0	0	0	0	0	0	0	0	4,5	0	0	4,5	9	9	9	9	9	36	45	Não satisfaz				
3	4,5	4,5	4,5	4,5	18	0	0	4,5	0	0	0	4,5	4,5	0	0	4,5	9	9	9	9	9	36	67,5	Satisfaz				
4	4,5	4,5	4,5	4,5	18	0	0	0	0	0	0	0	4,5	0	0	4,5	9	9	9	9	9	36	63	Satisfaz				
5	4,5	4,5	0	0	9	0	0	0	0	0	0	0	4,5	0	0	4,5	9	9	9	9	9	36	54	Satisfaz				
6	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x					

Critérios	
0-19	Fraco
20-49	Não satisfaz

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Estudo do Meio

Percentagem									20%											
Bloco	À DESCOBERTA DE SI MESMO								À DESCOBERTA DO AMBIENTE NATURAL											
Conteúdos	O SEU PASSADO PRÓXIMO								OS ASPECTOS FÍSICOS DO MEIO LOCAL				OS SERES VIVOS DO SEU AMBIENTE				Total do Bloco	Total Final		
Objetivos específicos	Nomear os dias da semana								Registrar o tempo que faz (registar, de forma elementar e simbólica, as condições atmosféricas diárias);				Reconhecer características dos animais;	Reconhecer os ambientes onde vivem os animais;	Observar e identificar: animais selvagens e domésticos;					
Indicadores de avaliação	Identifica 2ª f.	Identifica 3ª f.	Identifica 4ª f.	Identifica 5ª f.	Identifica 6ª f.	Identifica Sábado	Identifica Domingo	Total do bloco	Regista o estado do tempo na tabela;	Identifica todos os dias da semana em que choveu;	Identifica todos os dias da semana em que esteve só	Pinta os animais que têm pelo;	Circunda os animais que vivem na água;	Circunda a verde os animais domésticos	Circunda a azul dos animais selvagens					
Questão	1	1	1	1	1	1	1		2	2.1	2.2	3	3	3.1	3.1					
Cotação	2	2	2	2	2	2	2	14	19,5	10	10	7	7	7	7	72	100			
Alunos	0								0								0			
1	2	2	2	2	2	0	0	10	15,6	7,5	7,5	0	4,6	5,25	5,25	45,7	65,7	Satisfaz		
2	2	2	2	2	2	2	2	14	7,8	10	7,5	2,3	7	0	0	34,6	62,6	Satisfaz		Critérios
3	2	2	2	2	2	2	2	14	19,5	0	0	0	7	5,25	5,25	37	65	Satisfaz	0-19	Fraco
4	2	2	2	2	2	2	2	14	15,6	7,5	7,5	7	0	7	7	51,6	79,6	Satisfaz Bem	20-49	Não satisfaz
5	2	2	2	0	2	2	2	12	19,5	0	0	2,3	7	0	0	28,8	52,8	Satisfaz	50-69	Satisfaz
6	2	2	2	2	2	2	2	14	19,5	10	10	4,6	4,6	5,25	5,25	59,2	87,2	Satisfaz Bem	70-89	Satisfaz Bem
7	2	2	2	2	0	0	0	8	11,7	7,5	7,5	2,3	7	0	0	36	52	Satisfaz	90-100	Excelente
8	2	2	2	2	2	2	2	14	19,5	0	0	7	7	3,5	3,5	40,5	68,5	Satisfaz Satisfaz		

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

9	2	2	2	2	0	2	0	10	19,5	0	0	2,3	7	5,25	5,25	39,3	59,3	
10	0	2	2	2	2	2	2	12	15,6	7,5	10	2,3	7	3,5	3,5	49,4	73,4	Satisfaz Bem
11	2	2	2	2	2	2	2	14	19,5	0	0	4,6	7	5,25	5,25	41,6	69,6	
12	2	2	2	2	2	2	2	14	19,5	0	0	0	0	1,75	5,25	26,5	54,5	Satisfaz
13	2	2	2	2	2	2	2	14	19,5	7,5	10	2,3	7	5,25	5,25	56,8	84,8	Satisfaz Bem
14	2	2	2	2	2	2	2	14	19,5	0	0	0	0	0	0	19,5	47,5	Não satisfaz
15	0	0	0	0	0	0	0	0	15,6	0	0	2,3	7	1,75	1,75	28,4	28,4	
16	2	2	2	2	2	0	0	10	15,6	10	10	0	0	0	0	35,6	55,6	Satisfaz
17	0	0	2	2	0	0	0	4	11,7	0	0	2,3	7	0	0	21	29	Não satisfaz
18	0	0	2	2	2	2	2	10	15,6	10	8,4	0	4,6	3,5	3,5	45,6	65,6	Satisfaz
19	2	2	2	2	2	0	0	10	15,6	7,5	5	7	0	5,25	5,25	40,35	60,35	
20	2	2	2	2	2	2	2	14	19,5	10	7,5	2,3	7	5,25	5,25	56,8	84,8	Satisfaz Bem
21	2	2	2	0	0	2	2	10	7,8	0	0	2,3	7	5,25	3,5	25,85	45,85	Não satisfaz
22	0	2	2	2	2	2	2	12	3,9	10	10	2,3	7	5,25	5,25	43,7	67,7	Satisfaz
								11,2727273								39,263636	61,80909091	

Anexo 7 – Guião de entrevista realizada à Professora cooperante

Guião de entrevista:

1. Quais são as rotinas utilizadas na turma?
2. Como funciona o caderno da turma?
3. Quais os conteúdos a lecionar pelas estagiárias?
4. Existe algum aluno com Necessidades Educativas Especiais (NEE) na turma?
5. Vão realizar-se algumas visitas de estudo durante a nossa prática educativa?
6. A turma está envolvida em algum projeto escolar?
7. Costuma elaborar a agenda de aula?
8. Como é que efetua a avaliação dos alunos? E como avalia a leitura?
9. Como é a relação escola – família nesta turma?

Respostas:

1. Nas rotinas mencionadas há sempre um aluno responsável. Este muda todas as semanas:

- Biblioteca de turma;
- Distribuição do leite;
- Distribuição da fruta;
- Distribuição do lanche;
- Recolha das senhas de almoço;
- Elaboração de recados;

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

- Chefe de turma;
- Caderno da Turma.

A Professora, diariamente, escreve o sumário da aula no “Livro Azul”.

2. No final de cada dia o “Caderno da Turma”, é entregue a um aluno para este o preencher com tudo o que é feito na aula do dia seguinte. Este caderno passa por todos os alunos. Este serve para a turma ter um caderno que espelhe todo o trabalho que foi feito até então, para que no final do ano a turma possua um caderno exemplar com todos os conteúdos que foram abordados e suas estratégias.

3. Conteúdos a lecionar pelas Professoras estagiárias:

Língua Portuguesa	Estudo do Meio	Matemática	Expressão Plástica
Roteiro de leitura – “O Elefante Cor de Rosa”; Divisão silábica – sílaba tónica; Rimas; Singular/Plural; Masculino/Feminino; Novas palavras do “Método das 28 Palavras”: Caracol; Quadro; Passarinho; Flor; Trigo; Novas letras do alfabeto – letras estrangeiras: K; Y; W.	Plantas/animais; Animais domésticos e selvagens; Estado do tempo;	Dinheiro; Comprimento; <i>Tangram</i> ; <i>Minós</i> ; Tempo.	Trabalhar técnicas com lápis de cera.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A perceção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

--	--	--	--

4. Existe um aluno com NEE, o aluno número 19, Os alunos 22 e 21 não estão identificados como NEE, mas apresentam bastantes dificuldades.
5. Vai se realizar uma visita de estudo no dia 8 de maio à Tapada de Mafra.
6. Não.
7. Sim.
8. A avaliação é diagnostica, formativa e sumativa. A leitura é avaliada todos os dias.
9. A relação escola-família desta turma é boa. Os pais são interessados pelas atividades dos alunos e tentam sempre ajudar no que for necessário.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

	Escreve legivelmente palavras e frases;	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Identifica rimas;	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Identifica palavras com SS;	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Completa Palavras	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■

	com S ou SS;	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Assinala as palavras com SS ou S;	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Presta atenção ao que ouve de modo a tomar possível reconhecer palavras;	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Apreende o sentido global de textos ouvidos;	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Antecipa conteúdos através das ilustrações;	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Usa vocabulário adequado ao tema e á situação no momento de pós leitura;	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Escreve com correção ortográfica frases;	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

	Discute resultados e justifica as estratégias utilizadas;																					
	Lê e representa números;																					
	Ordena números;																					
	Identifica números pares e ímpares;																					
	Resolve o problema matemático;																					
	Representa corretamente os números na reta numérica;																					
	Conhecer e relacionar as moedas euro;																					
Formação cívica	Coopera com grupo no jogo;																					
	Respeita as ideias/respostas dos colegas;																					
	Ouve os outros e espera a sua vez;																					
	É responsável pela sua função no jogo;																					
	Coopera nas tarefas comuns;																					
Expressões	Participa nas improvisações;																					

Anexo 9 – Grelha de observação da 2ª. Semana

Semana 2	Indicadores	Alunos																					
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22
Estudo do Meio	Regista o dia da semana;																						
	Regista o tempo que faz;																						
	Identifica e relembra as características de um ser vivo;																						
	Reconhece animais domésticos e selvagens;																						
	Identifica o animal recortado;																						
	Reconhece cuidados a ter com os animais;																						
	Reconhece características de animais;																						
	Reconhece as diferenças das 6 classificações dos animais;																						
	Desenha o aspeto do feijão;																						

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

	Realiza contagens de dinheiro;	Verde	Amarelo	Verde	Vermelho	Verde	Verde	Vermelho	Verde	Verde	Vermelho	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Vermelho	Vermelho	
	Representa valores monetários;	Verde	Amarelo	Verde	Vermelho	Verde	Verde	Vermelho	Verde	Verde	Vermelho	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Vermelho	Vermelho	
	Realiza contagens progressivas e regressivas;	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde
	Utiliza a simbologia <e >;	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde
	Identifica números pares e ímpares;	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
	Efetua cálculos de adição;	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Vermelho	Vermelho
	Efetua cálculos de subtração;	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Vermelho	Vermelho
	Lê e representa números;	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
	Adiciona e subtrai recorrendo a estratégias do quadrado do 100;	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Vermelho	Vermelho
	Discute resultados e justifica as estratégias utilizadas;	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Expressões Artísticas e	Canta em grupo, respeitando a entoação e o ritmo mediante o modelo;	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	

Anexo 10 – Grelha de observação da 3ª. Semana

Semana 3	Indicadores	Alunos																					
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22
Estudo do Meio	Regista o dia da semana;																						
	Regista de forma elementar e simbólica, as condições atmosféricas diárias;																						
	Relembra as manifestações da vida animal e vegetal;																						
	Identifica animais mamíferos;																						
	Reconhece as características dos animais;																						
	Reconhece as características das plantas;																						
	Desenha o aspeto do feijão;																						
	Escreve o aspeto do feijão;																						
	Diferencia a noite do dia;																						
	Indica os cuidados a ter de acordo com o estado do tempo;																						
Portuguê s	Identifica palavras com fl, fl, fi, flo, flu;																						
	Segmenta palavras em sílabas;																						

Anexo 11 – Grelha de observação da 4ª. Semana

Semana 4	Indicadores	Alunos																					
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22
Estudo do Meio	Regista o dia da semana;																						
	Reconhece que o mês tem semanas e dias;																						
	Nomeia os dias da semana;																						
	Identifica os dias de acontecimentos mais importantes;																						
	Localiza a sucessão de atos praticados no espaço;																						
	Estabelece relações de anterioridade, posterioridade e simultaneidade;																						
	Regista o tempo que faz;																						
	Manuseia corretamente a lupa;																						

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A perceção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Ouve e respeita as ideias/ sugestões dos colegas;																							
Ouve os outros e aguarda a sua vez de falar;																							
Efetua um balanço geral das aulas/ aprendizagens desenvolvidas;																							
Legenda:	Sim	Às vezes	Não	Não participou																			

Anexo 12 – Grelha de observação da 5ª. Semana

Semana 5	Indicadores	Alunos																						
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
Estudo do Meio	Regista o dia da semana;																							
	Regista o tempo que faz;																							
	Observa e regista o processo de germinação;																							
	Identifica a noite;																							
	Identifica o dia;																							
	Identifica os locais onde se encontra água;																							
	Distingue cheiros agradáveis de cheiros desagradáveis;																							
	Identifica no feijão os constituintes da planta;																							
	Organiza imagens de acordo com os constituintes da planta;																							
	Legenda corretamente as imagens;																							
Portugu	Forma palavras;																							

Anexo 13 – Grelha de observação da 6ª. Semana

Semana 6	Indicadores	Alunos																					
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22
Estudo do Meio	Regista o dia da semana;																						
	Reconhece que o mês tem semanas e dias;																						
	Localiza a sucessão de atos praticados no espaço;																						
	Estabelece relações de anterioridade, posterioridade e simultaneidade;																						
	Regista o tempo que faz;																						
	Responde às questões da carta de planificação;																						
	Regista as observações aos germinadores/ plantas numa tabela, através de desenho e frases;																						
	Reconhece que a germinação de uma semente dá origem a uma nova planta;																						

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Expressões Artísticas e Educação Física e Motora	Constrói o manjerico explorando as possibilidades de diferentes materiais;																					
	Constrói o manjerico fazendo composições e colando os diferentes materiais;																					
Expressões Artísticas: Projeto de Teatro	Explora as possibilidades motoras e expressivas do corpo e da voz adequando o seu uso a diferentes contextos;																					
	Participa no ensaio geral respeitando regras e papéis específicos;																					
	Respeita as ideias/opiniões/propostas dos colegas;																					
	Diz poemas memorizados em diferentes formas de expressão;																					
	Coopera com o grupo na tarefa comum;																					

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Anexo 14 – Grelha de avaliação do teste sumativo de Português

Competência	Compreensão do oral					CEL			Escrita						Total	Critérios									
Objectivos específico	Ler com progressiva autonomia pequenos textos para responder a questões acerca do texto;					Ler com progressiva autonomia pequenos textos para localizar a informação pretendida;			Reconhecer os graus dos nomes;			Formar singulares e plurais;					Formar masculinos e femininos;			Escrever legivelmente e com correção ortográfica frases sem modelo;			Redigir pequenos textos respeitando as convenções ortográficas e de pontuação;		
Indicadores de avaliação	Responde às questões acerca do texto;					Justifica porque é que o peixe não fazia nada, através da localização da informação pretendida no texto;			Identifica o grau dos objetos;	Completa a tabela com o singular e plural de palavras;	Escreve o género feminino das palavras;	Escreve frases criativas;	Utiliza maiúsculas e minúsculas;	Utiliza o ponto final e a vírgula;			Escreve um pequeno texto criativo;	Utiliza maiúsculas e minúsculas;	Utiliza o ponto final e a vírgula;						
Questão	1.	2.	3.	4.	5.	6.	8.	9.	10.	14.			15.												
Cotação	5	5	5	5	5	5	9	10	10	8	6	6	9	6	6	100									
Alunos																									
1	5	5	5	5	5	5	9	10	10	4	6	6	9	6	6	96									
2	5	5	5	1,5	1,5	3	9	10	10	4	6	3	9	6	3	81									
3	5	5	5	5	5	5	9	10	10	8	6	6	9	6	6	100									
4	5	5	5	1,5	5	5	9	7,5	10	4	6	6	9	6	6	90									
5	5	5	5	5	5	5	3	7,5	0	4	6	3	9	6	3	71,5									
6	5	5	5	5	5	5	9	10	10	8	6	6	9	6	6	100									
7	5	5	5	3	1,5	5	6	10	10	4	6	3	9	6	3	81,5									
8	5	5	5	5	1,5	4	9	10	10	8	6	6	9	6	6	95,5									
9	0	5	5	5	5	5	9	2,5	10	4	6	6	9	6	6	83,5									
10	5	5	5	5	1,5	5	9	10	10	8	6	6	9	6	6	96,5									
11	5	5	0	5	5	5	9	10	10	8	6	6	9	6	6	95									
12	5	5	5	5	5	3	6	10	10	4	6	6	9	6	6	91									
13	5	5	5	5	5	5	9	10	10	8	6	6	9	6	6	100									
14	5	5	5	5	1,5	5	9	10	10	4	6	3	9	6	3	82,5									
15	5	5	5	5	5	5	9	10	10	4	6	3	9	6	3	90									
16	0	5	5	5	1,5	5	9	10	10	8	6	6	9	6	6	91,5									
17	5	5	5	4	0	5	9	7,5	7,5	8	6	6	9	6	6	89									
18	5	5	5	5	5	5	9	7,5	7,5	8	6	6	9	6	6	95									
19	5	5	5	5	1,5	5	9	10	10	8	6	6	9	6	6	96,5									
20	5	5	5	5	5	5	9	10	10	8	6	6	9	6	6	100									
21	0	5	5	3	0	0	9	7,5	2,5	4	6	3	9	6	3	63									
22	5	5	5	0	5	3	9	10	0	4	6	3	9	6	3	73									

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

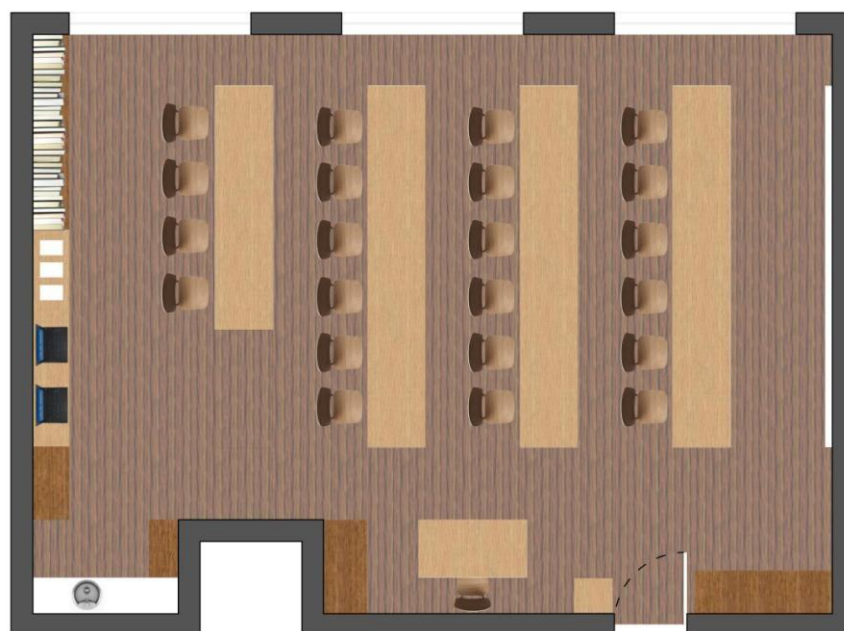
Anexo 15 – Grelha de avaliação do teste sumativo de Matemática

Percentagem	50%																	50%										Total														
Tema	Números e operações																	Medida																								
Capacidades Transversais	Raciocínio matemático																	Raciocínio matemático					Resolução de problemas																			
Objectivos específico	Ordenar de acordo com um dado critério;							realizar constagens progressivas representando os números envolvidos;							adicionar e subtrair utilizando a representação horizontal e recorrendo a estratégias de calculo mental e escrito							Relacionar entre si os dias da semana;		Conhecer e relacionar moedas de euro;			Realizar contagens de dinheiro;					Ler, explorar e interpretar informação respondendo a questões;										
Indicadores de avaliação	Escreve os números apresentados por ordem crescente;							escreve os números de 2 em 2 tendo em conta o número anterior;							Efetua corretamente as somas;				Efetua corretamente as subtrações;			Liga, por ordem, os dias da semana;		Identifica o valor de cada moeda e relaciona-o;			calcula o valor de cada refeição;		identifica a refeição mais cara;	calcula o valor da refeição indicada;	calcula o valor do troco a receber;		identifica quando os iogurtes foram consumidos na segunda feira	identifica os dias onde não se comeram iogurtes;	identifica os dias ode se comeu a mesma quantidade de iogurtes;	identifica o número de iogurtes que se comeram em toda a semana;						
Questão	4.1	4.2	4.3	4.4	4.5	4.6	4.7	5.1	5.2	5.3	5.4	5.5	5.6	5.7	5.8	7.1	7.2	7.3	7.4	7.5	7.1.1	7.2.2	7.3.3	7.4.4	7.5.5	9	10.1	10.2	10.3	10.4	19.a.1	19.a.2	19.a.3	19.b	19.c	19.d	20.1	20.2	20.3	20.4		
Cotação	2	2	2	2	2	2	2	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	14,2	3,5	3,5	3,5	3,5	2,4	2,4	2,4	2,4	2,4	2,4	3,5	3,5	3,5	3,5	
Alunos																															0											
1	2	2	2	2	2	2	2	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	14,2	3,5	3,5	3,5	3,5	2,4	2,4	2,4	2,4	2,4	2,4	3,5	3,5	3,5	3,5	100
2	0	0	0	0	0	0	0	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	14,2	3,5	3,5	3,5	3,5	2,4	2,4	2,4	2,4	2,4	2,4	3,5	3,5	3,5	3,5	86
3	2	2	2	2	2	2	2	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	14,2	3,5	3,5	3,5	3,5	2,4	0	2,4	2,4	0	2,4	3,5	3,5	3,5	3,5	95,2
4	2	2	2	2	2	2	2	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	0	0	0	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	0	3,5	3,5	3,5	3,5	2,4	2,4	2,4	2,4	2,4	2,4	3,5	3,5	3,5	3,5	80,4
5	2	2	2	2	2	2	2	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	14,2	3,5	3,5	3,5	3,5	2,4	0	0	2,4	2,4	2,4	3,5	3,5	0	3,5	71,3
6	2	2	2	2	2	2	2	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	0	3,5	3,5	3,5	3,5	2,4	2,4	2,4	2,4	2,4	2,4	3,5	3,5	3,5	3,5	85,8
7	2	2	2	2	2	2	2	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,5	1,5	1,5	0	0	1,5	1,5	1,5	0	0	14,2	3,5	3,5	3,5	3,5	0	2,4	2,4	0	2,4	2,4	3,5	0	3,5	3,5	85,7	
8	0	0	0	0	0	0	0	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	0	3,5	3,5	3,5	3,5	2,4	0	2,4	2,4	2,4	0	3,5	3,5	3,5	3,5	67
9	2	2	2	2	2	0	0	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,5	1,5	1,5	0	0	1,5	1,5	1,5	0	0	14,2	3,5	3,5	3,5	3,5	2,4	2,4	2,4	0	2,4	2,4	3,5	3,5	3,5	3,5	87,6	
10	2	2	2	2	2	2	2	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	0	3,5	3,5	3,5	3,5	2,4	2,4	2,4	2,4	2,4	2,4	3,5	3,5	3,5	3,5	85,8
11	2	2	2	2	2	2	2	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,5	1,5	1,5	0	0	1,5	1,5	1,5	0	0	14,2	3,5	3,5	3,5	3,5	2,4	2,4	0	2,4	2,4	0	0	3,5	3,5	3,5	3,5	71,5
12	2	2	2	2	2	2	2	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,5	1,5	1,5	0	0	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	0	3,5	3,5	3,5	3,5	0	2,4	0	2,4	0	2,4	3,5	0	3,5	3,5	83,3
13	2	2	2	2	2	2	2	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	0	3,5	3,5	3,5	3,5	2,4	2,4	2,4	2,4	2,4	2,4	3,5	3,5	3,5	0	78,8
14	2	2	2	2	2	2	2	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,5	1,5	1,5	0	0	1,5	1,5	1,5	0	0	0	3,5	0	0	3,5	2,4	0	2,4	0	2,4	2,4	0	3,5	3,5	3,5	64,5	
15	2	2	2	2	2	2	2	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,5	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	1,5	1,5	0	14,2	3,5	3,5	3,5	3,5	2,4	2,4	2,4	2,4	2,4	2,4	3,5	0	0	0	83,5
16	2	2	2	2	2	2	2	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	14,2	0	0	3,5	3,5	2,4	2,4	2,4	2,4	2,4	2,4	0	0	0	0	79
17	2	2	2	2	2	0	0	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	0	0	0	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	14,2	3,5	3,5	3,5	3,5	0	2,4	2,4	2,4	0	2,4	3,5	3,5	3,5	3,5	85,8

Anexo 16 – Horário da turma

	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
9h – 10h30m	Língua Portuguesa	Matemática	Estudo do Meio	Matemática	Língua Portuguesa
10h30m – 11h	INTERVALO				
11h – 12h15m		Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	Matemática	Matemática
12h15m – 13h30m	ALMOÇO				
13h30m – 14h15m	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	Estudo Acompanhado
14h15m – 15h15m	Matemática	Expressões	Matemática	Area Projecto Estudo do Meio	Formação Cívica
15h15m – 15h30m	INTERVALO				
15h30m – 16h30m	ING	AFD	AE	EPA	EXP
16h30m – 17h15m	ING	AFD	AE	EPA	EXP

Anexo 17 – Planta da sala de aula



Anexo 18 – Projeto de Teatro (1.ª Planificação)

Área Disciplinar	Conteúdos / conceitos	Objetivos específicos	Descrição da atividade/Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação		
						Indicadores	Produtos	Instrumentos
Expressão Dramática;	Experimentação;	<p>Participar em improvisações;</p> <p>Explorar as possibilidades motoras e expressivas do corpo e da voz, adequando o seu uso a diferentes contextos;</p> <p>Cooperar nas tarefas comuns;</p> <p>Respeitar as regras de entoação e ritmo adequados;</p> <p>Participar em atividades de expressão orientada respeitando regras e papéis específicos;</p>	<p><u>Organização da sala</u></p> <p><u>Roda inicial</u> Definição/ recordação da rotina e das regras de funcionamento da sessão.</p> <p><u>Aquecimento:</u> Exercícios de concentração, coordenação psicomotora, descontração, jogos de relação.</p> <p><u>Exercícios</u> Improvisação através de história contada pelo professor. Promove-se um momento de Exercícios de consciência e postura corporal (disposição dos alunos pela sala aleatoriamente; o professor conta uma história e os alunos usam-na, como indutor, para uma improvisação; esta atividade é uma “ponte” para a seguinte).</p> <p><u>Discussão, em roda sobre:</u> O que entendem por Teatro; As funções do Teatro que conhecem; Teatro/ Teatro na escola; O possível planeamento/ organização do Projeto – eventuais registos em papel de cenário.</p> <p><u>Relaxamento:</u> Exercício de descontração (pressão dos dedos/mãos nas costas, nuca, palmas das mãos e palmas dos pés).</p> <p><u>Roda final:</u> Auto e heteroavaliação pelos alunos; Feedback pelo professor; Sistematização do trabalho</p>	13h55 15h00 (65min);	Papel de cenário;	<p>Participa em improvisações;</p> <p>Explora as possibilidades motoras e expressivas do corpo e da voz, adequando o seu uso a diferentes contextos;</p> <p>Coopera nas tarefas comuns;</p> <p>Respeita as regras de entoação e ritmo adequados;</p> <p>Participa em atividades de expressão orientada respeitando regras e papéis específicos;</p>	Cartaz do que já sabemos/quere mos saber e fazer (1.ª fase do projeto);	Grelha de observação com indicadores específicos;

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

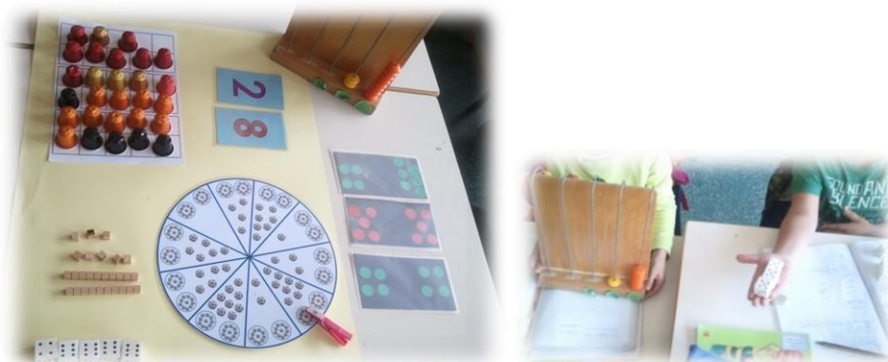
			desenvolvido e das aprendizagens realizadas.					
			<u>Reorganização da sala</u>					



Anexo 19 – Assembleia de turma

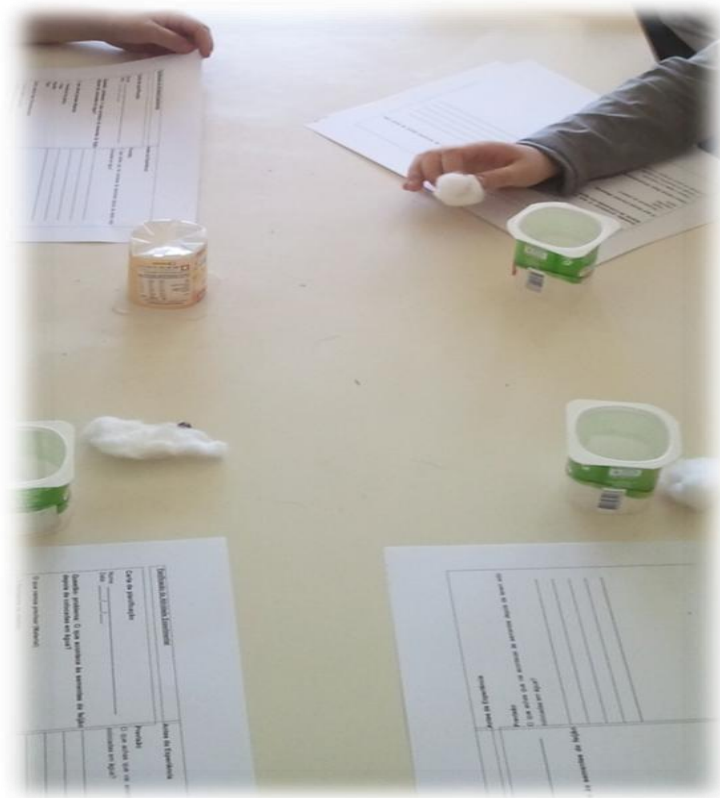


Anexo 20 – Jogo de leitura de números



Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Anexo 21 – Atividade experimental: Germinação



- Carta de planificação da atividade experimental

Vamos realizar outra experiência que nos ajude a encontrar resposta à seguinte questão-problema.

Questão-problema II: Como se comportam as diferentes sementes quando colocadas em água?

1. Antes da Experimentação

Comportamento das sementes em água	Penso que ...				
	Feijão	Milho	Milho cor de rosa	Abobora	Ervilha

2. Experimentação

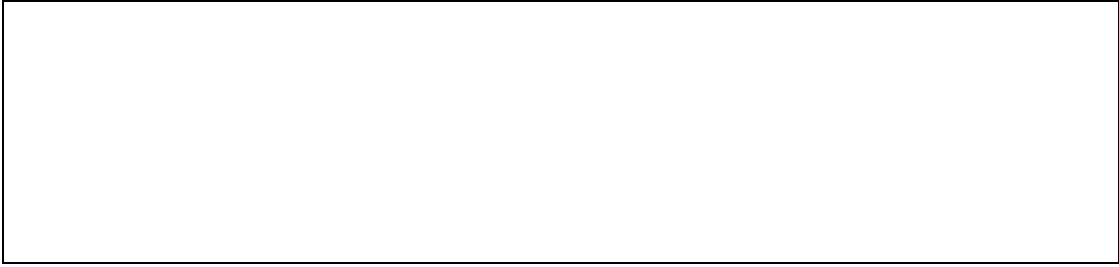
Coloca as sementes nos recipientes com água e sem água. Vai observando e registando os dados no quadro seguinte:

Tipo de sementes	Comportamento das sementes	
	Recipiente sem água	Recipiente com água
Feijão		

3. Após a Experimentação

Com o apoio da Professora, construímos a resposta à questão-problema...

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A perceção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

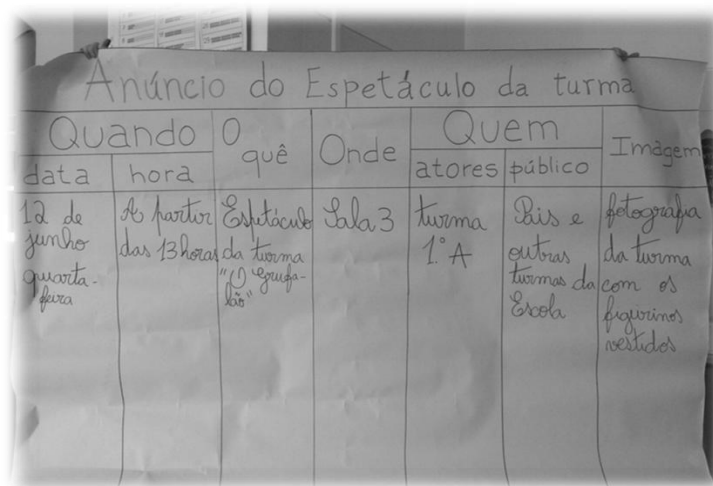


Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

<p>Português;</p> <p>(Sessão do dia 28/05/2013)</p>		<p>e gerindo corretamente o espaço do suporte escrito, palavras e frases de acordo com um modelo (anúncio);</p>	<p>A professora estagiária relembra a exploração dos anúncios anteriormente feita vincando a sua constituição. Esta, distribui pelos alunos uma planificação do anuncio com o intuito de organizar a informação, de forma a ser mais fácil a elaboração do mesmo. Após a distribuição, a professora, expõe em papel de cenário a tabela de planificação. Esta tabela será</p>	<p>(60 min)</p>	<p>Planificação do anuncio para cada aluno;</p>	<p>ortográfica e gerindo corretamente o espaço do suporte escrito,</p>	<p>Anúncio da turma;</p>	<p>Grelha de observação com indicadores;</p>
---	--	---	---	-----------------	---	--	--------------------------	--

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

		Elaborar por escrito respostas a questões.	preenchida pelo grande grupo. Os alunos acompanham o preenchimento da tabela e efetuam os registos. Após os registos feitos e com a ajuda da professora estagiária é elaborado o texto do anúncio em grande grupo. A professora regista no quadro as ideias dos alunos, forma um texto e estes passam para o caderno. Relembração de que o anúncio será passado para o computador pelas professoras estagiárias e colocado num cartaz com os alunos. Depois, todos juntos afixarão o cartaz no jornal de parede da escola.			palavras e frases de acordo com um modelo (anúncio); Elabora por escrito respostas a questões.		
--	--	--	---	--	--	---	--	--



Anexo 23 – Grelha de avaliação do 1.º objetivo

Alunos		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22		
		Descritores																							
Cooperação	Avaliação diagnóstica	Coopera com os colegas quando é solicitado																							
		Coopera com os colegas espontaneamente																							
	Avaliação formativa	Coopera com o grupo nas tarefas comuns																							
		Coopera com o par na tarefa comum																							
		É responsável pela sua função no grupo																							
	Avaliação final	Efetua um balanço geral das aulas e das aprendizagens desenvolvidas																							
		Coopera com os colegas na realização de trabalhos comuns																							
		Interage com os colegas na consecução da tarefa comum;																							

Legenda:

Sim	Às vezes	Não	Não observado
-----	----------	-----	---------------

Anexo 24 – Grelha de avaliação do 2.º objetivo

Descritores		Alunos																						
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
Escrita	Avaliação diagnóstica	Planifica, redige e revê pequenos textos em colaboração com a professora	Não observado																					
		Aplica os sinais de pontuação: ponto final, ponto de interrogação e vírgula	Sim	Às vezes	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
		Escreve adequadamente maiúsculas e minúsculas	Sim	Às vezes	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Às vezes	Sim	Às vezes	Às vezes	Às vezes	Sim	Sim	Sim	Às vezes	Às vezes
	Avaliação formativa	Regista e organiza a informação numa tabela	Sim	Às vezes	Sim	Sim	Às vezes	Sim	Às vezes	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Às vezes	Sim
		Escreve legivelmente e com correção ortográfica e de pontuação pequenos textos de acordo com um modelo (anúncio)	Sim																					
		Escreve legivelmente e com correção ortográfica e de pontuação pequenos textos de acordo com um modelo (convite)	Sim																					
		Escreve legivelmente e com correção ortográfica e de pontuação uma cena do texto dramático	Sim	Às vezes	Sim	Sim	Às vezes	Sim	Às vezes	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Às vezes	Às vezes
		Escreve pequenos textos descritivos respeitando as convenções gráficas, ortográficas e de pontuação	Sim																					
	Avaliação final	Organiza textos através de técnicas básicas	Sim	Sim	Sim	Sim	Às vezes	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Às vezes	Às vezes
		Escreve textos com diferentes níveis comunicativos	Sim	Sim	Sim	Sim	Às vezes	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Às vezes	Às vezes

Legenda:

Sim	Às vezes	Não	Não observado
-----	----------	-----	---------------

Anexo 25 – Grelha de avaliação do 3.º objetivo

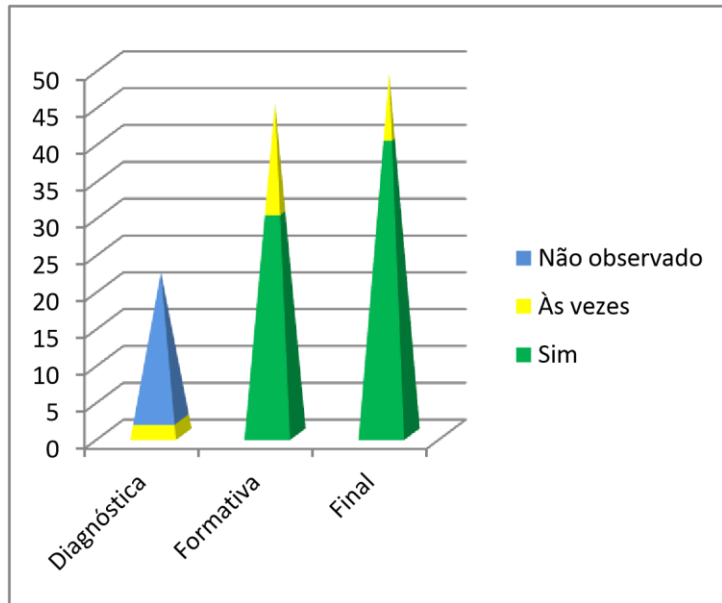
Descritores		Alunos																							
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22		
Avaliação inicial	Faz uma leitura que possibilita localizar a informação pretendida		Às vezes													Às vezes								Às vezes	
	Antecipa conteúdos com base no título e nas ilustrações		Às vezes											Às vezes		Às vezes	Às vezes							Às vezes	Às vezes
Avaliação formativa	Lê pequenas frases;																								
	Lê com progressiva autonomia e entoação o texto dramático;																								
	Lê com progressiva autonomia;		Às vezes			Às vezes		Às vezes																	Às vezes
	Lê pequenos textos																								
Avaliação final	Lê para encontrar informação pretendida;					Às vezes																		Às vezes	Às vezes
	Antecipa conteúdos da história pelas ilustrações e pelo título;																								

Legenda:

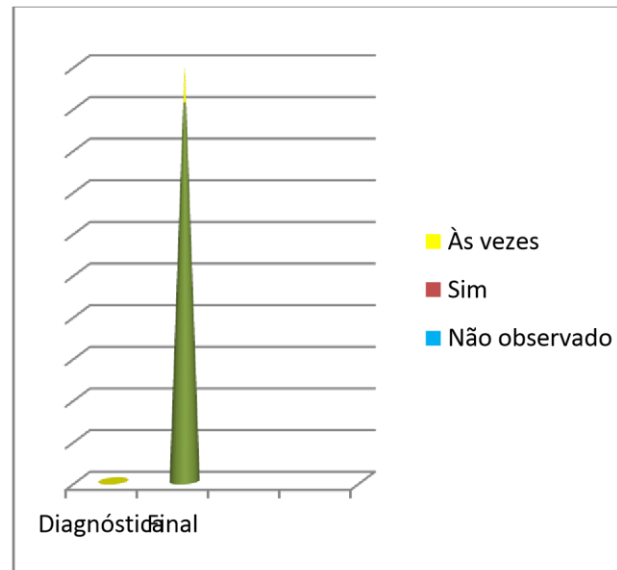
Sim	Às vezes	Não	Não observado
-----	----------	-----	---------------

Anexo 26 – Gráficos comparativos da avaliação dos 3 objetivos

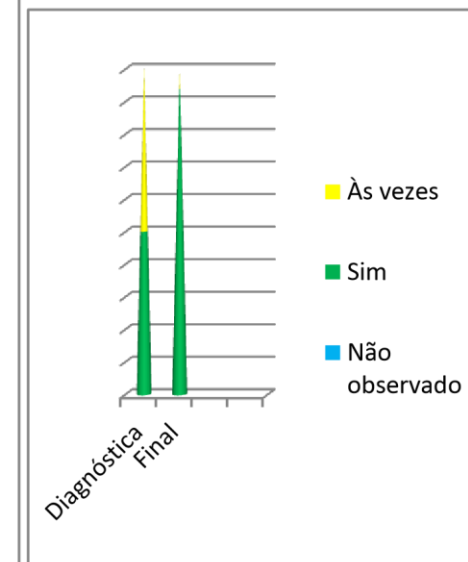
Comparação entre a avaliação inicial e a final do 1.º objetivo



Comparação entre a avaliação inicial e a final do 2.º objetivo



Comparação entre a avaliação inicial e a final do 3.º objetivo







Anexo 27 – Grelha de avaliação final das competências sociais

Descritores		Alunos																					
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22
Participação	Aguarda a sua vez de falar																						
	Participa...	autonomamente																					
		quando é solicitado																					
		de forma adequada e pertinente																					
Comportamento	Respeita as regras de sala de aula																						
	Demonstra atitudes corretas																						
	Reflete sobre as suas ações, assim como as dos colegas																						
	Comporta-se adequadamente																						
Autonomia	Realiza as atividades...	sozinho																					
		com o apoio do professor																					
	Sabe o que é para fazer																						
	Cumprir a tarefa																						
Cooperação	Coopera com os colegas quando é solicitado																						
	Coopera espontaneamente com os colegas																						
	Pede ajuda...	ao professor																					
		aos colegas																					

Anexo 28 – Inventário de problemas

NOME : _____ DATA : _____

	
	
<p>Inventário</p>	<p>de</p>
<p>problemas</p>	

Anexo 29 – Atividade do geoplano

Área Disciplinar	Conteúdos / conceitos	Objetivos específicos	Estratégias	Descrição da atividade	Tempo	Recursos	Avaliação		
							Indicadores	Produtos	Instrumentos
Matemática; (Sessão do dia 28/05/2013)	Comprimento ;	Compreender a noção de comprimento; Comparar e ordenar comprimentos; Cooperar com o colega; Ouvir os colegas;	Proporcionar situações de exploração do geoplano para relacionar e comparar diversos comprimentos dos elásticos. Tenciona-se que os alunos relacionem as medidas dos comprimentos de dois elásticos, concluindo que um elástico apresenta metade do comprimento de outro elástico. Pretende-se também que os alunos contem quantos pregos foram usados para prender o elástico, ou seja, qual o comprimento do elástico (por ex. 4 pregos) e que comparem os diversos comprimentos dos elásticos e os ordenem crescentemente e decrescentemente; Ao longo do desenvolvimento da tarefa, sugerir um momento de trabalho a pares;	Atividade de exploração de comprimentos no geoplano Distribuição de um geoplano a cada aluno. Instrução da tarefa e distribuição de um guião de exploração do geoplano (ex. faz uma linha com o teu elástico que tenha o menor comprimento possível; de seguida, faz agora uma linha com o teu elástico que seja o dobro do comprimento do anterior). Ao longo do desenvolvimento da tarefa, as dinâmicas/ interações dos alunos são uma mais-valia para a ampliação das aprendizagens. Os alunos mostram à turma as linhas (formadas com os elásticos) com diferentes comprimentos e discutem/partilham as suas ideias/ conclusões em grande grupo. Por fim, promoção de um momento de trabalho de pares: um aluno representa no geoplano, sem mostrar ao colega do lado, duas linhas com dois elásticos e depois dá instruções ao seu colega para este reproduzir no papel ponteadado; depois comparam as	11h00 12h00 (60 min)	Geplanos; Guiões de exploração; Papel ponteadado;	Faz relações entre os comprimentos; Ordena os comprimentos; Coopera com o colega; Ouve os colegas;	Respostas no geoplano/ papel ponteadado;	Grelha de observação com indicadores específicos;

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

			A orientação da tarefa é feita através de instruções e leitura do guião de exploração do geoplano.	linhas e descobrem/discutem se são iguais ou o que é que falhou.						
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

Anexo 30 – Atividade do tempo – reta numérica e calendário

Área Disciplinar	Conteúdos/conceitos	Objetivos específicos	Estratégias	Descrição da atividade	Tempo	Recursos	Avaliação		
							Indicadores	Produtos	Instrumentos
Matemática; (Sessão do dia 27/05/2013)	Números e operações;	Reconhecer unidades de tempo: dia e semana; Nomear os dias da semana; Estabelecer relações de anterioridade, posterioridade e de simultaneidade; Representar números na reta numérica; Adicionar e subtrair utilizando uma reta numérica;	Ao longo da exploração do calendário de maio, representação e identificação de acontecimentos importantes decorridos no mês de maio, na reta numérica; Sensibilização dos alunos para os conteúdos de anterioridade, posterioridade e de simultaneidade. No desenvolvimento da construção da reta numérica, promoção de um momento de questões que permitem a realização de operações de adição/subtração (por ex.º se o aniversário do aluno n.º 10 foi no dia 16 e a visita de estudo foi no dia 8, quantos dias	Reta numérica do mês de maio Instrução da atividade: pedir aos alunos para abrirem o livro de treino na página na reta numérica até 50 e dizer que será feita uma reta numérica onde marcarão os momentos mais importantes do mês de maio. Desta forma, questionamento de quantos dias tem o mês de maio (propor que olhem para o calendário) relacionando com os números necessários para a reta numérica. Depois, a Professora estagiária faz uma reta numérica de 1 a 31, no quadro. Durante a dinâmica com a Turma, continuação da exploração do calendário de maio: já se sabe que o mês tem 31 dias, então quantas semanas tem o mês de maio? Durante uma semana, quantos dias há? Que dias da semana? Quantos dias houve aulas; quantos dias de descanso; Questionamento dos dias mais importantes do mês e porquê; Sugestão aos alunos de que rodeiem o dia e façam uma seta a descrever sucintamente esse dia. A atividade é realizada em grande grupo e os alunos fazem também o	11h00 12h00 (60 min)	Livro de treino com a reta numérica; Quadro; Calendário do estado do tempo;	Reconhece que o mês tem semanas e dias; Nomeia os dias da semana; Identifica os dias de acontecimentos mais importantes; Relaciona os acontecimentos (anteriores, posteriores, simultâneos); Representa números na reta numérica; Efetua operações de adição utilizando a reta numérica;	Reta numérica; Grelha de observação com indicadores específicos;	Reta numérica; Grelha de observação com indicadores específicos;

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

			faltavam desde a visita de estudo ao seu aniversário? Quantos dias faltam para o mês acabar? Etc.)	registo na sua reta numérica.			Efetua operações de subtração utilizando a reta numérica;		
--	--	--	---	-------------------------------	--	--	---	--	--

Anexo 31 – Calendário do registo do estado do tempo



Anexo 32 – Atividade de construção do porta chaves



Anexo 33 – Atividade de construção do manjerico



Área Disciplinar	Conteúdos/conceitos	Objetivos específicos	Estratégias	Descrição da atividade	Tempo	Recursos	Avaliação		
							Indicadores	Produtos	Instrumentos
Português (Sessão do dia 11/06/2013)	Quadras; Rimas; Ponto final, vírgula; Recorte, colagem e dobragem;	CEL e Escrita: Escrever legivelmente e com correção ortográfica quadras de acordo com um modelo; Explicitar regras de pontuação, nomeadamente: ponto final e vírgula; Leitura: Ler em voz alta quadras; Recorte, colagem e dobragem Explorar as possibilidades de diferentes materiais; Fazer composições colando os diferentes	Utilização de materiais de apoio à escrita, expostos nas paredes, tais como listas de palavras, cartazes; Colocação de diversos materiais numa mesa, de modo a que cada par de alunos selecione autonomamente os que quiser para o desenvolvimento do seu trabalho; Tarefa a pares para desenvolvimento da cooperação;	Construção de quadras e de um manjerico Instrução da atividade proposta e questionamento à turma acerca do que é um manjerico. Construção de uma quadra de acordo com os modelos anteriormente apresentados e com recurso às listagens de palavras/ cartazes expostos na sala de aula. Após a escrita da quadra no caderno e correção da mesma, distribuição de retângulos de papéis para os alunos copiarem a quadra. De seguida, construção de um manjerico a pares. Para tal, distribuição de manjericos desenhados numa folha de papel. Cada par de alunos tem de ilustrar o manjerico explorando as possibilidades de diferentes materiais (jornal, papel colorido, papel crepe, lã, tecidos, etc) e fazendo composições. Após a realização do manjerico, cada par coloca as suas quadras num palito e coloca-as no seu manjerico. Por fim, lê a sua quadra à turma e o par mostra o seu manjerico.	09h20 10h20 (60 min)	Materiais para expressão plástica (jornal, papel colorido, papel crepe, lã, tecidos, etc); Tesouras; Colas; Folhas de papel com o desenho do manjerico;	Escreve legivelmente e com correção ortográfica quadras de acordo com um modelo; Explicita regras de pontuação, nomeadamente: ponto final e vírgula; Lê em voz alta quadras; Constrói o manjerico explorando as possibilidades de diferentes materiais; Constrói o manjerico fazendo composições e colando os diferentes materiais; Coopera com o par	Manjericos com quadras;	Manjericos com quadras; Grelha de observação com indicadores específicos;

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada II
A percepção das crianças sobre o trabalho prático e seu contributo nas aprendizagens.

		materiais; Formação cívica: Cooperar com o par na tarefa comum;					na tarefa comum;		
--	--	---	--	--	--	--	------------------	--	--

Anexo 34 – Questionário – As Experiências no 1.º Ciclo

Questionário

AS EXPERIÊNCIAS NO 1.º CICLO

- Lê com atenção as questões que se seguem e de seguida responde.
- As respostas devem ser baseadas na tua experiência.
- As respostas deverão ser o mais sinceras possível.

1.ª Parte

1. Possivelmente que sabes que se podem realizar experiências na sala de aula. Diz o que entendes por fazer uma experiência?

2. Alguma vez realizaste experiências na sala de aula?

(assinala com um X a tua resposta)

Sim

Não

As perguntas seguintes são apenas para se respondeste “sim” na pergunta anterior.

2.1. Em que ano ou anos de escolaridade as realizaste?

2.2. Com que frequência?

(Assinala com um X a tua resposta)

Semanalmente

Mensalmente

Apenas um vez
num ano letivo

2.3. Assinala agora com um X se gostas ou não deste tipo de atividade.

Gosto muito Gosto Assim-assim Não gosto

2.4. Justifica a tua resposta anterior.

2.5. Dá exemplos de Experiências que tenhas realizado na sala de aula.

As perguntas seguintes são apenas para se respondeste NÃO na pergunta 2.

2.6. Se nunca realizaste experiências na sala de aula, porque achas que isso aconteceu? Explica o melhor que conseguires.

2ª. Parte

1. Como gostas mais de aprender?

(Assinala com um X a opção com a qual concordas mais)

Realizando experiências

Ouvindo o professor dizer a matéria

a) Explica a tua opção na pergunta anterior.

2. Como te recordas mais facilmente da matéria?

(Assinala com um X a opção com a qual concordas mais)

Realizando Experiências

Ouvindo o professor dizer a matéria

<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>

a) Explica a tua opção na pergunta anterior.

3. Como te sentes mais concentrado e motivado?

(Assinala com um X a opção com a qual concordas mais)

Realizando Experiências

Ouvindo o professor dizer a matéria

<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>

a) Explica a tua opção na pergunta anterior.

Obrigada pela tua participação!

Anexo 35 – Respostas dos alunos à questão 1. da primeira parte do questionário

Respostas dadas pelos alunos:

1. “Para mim fazer uma experiência é ir aprender como é que as coisas funcionam”;
2. “Para mim fazer uma experiência é um dia normal”;
3. “Para mim fazer uma experiência é fazer coisas novas”;
4. “Para mim fazer uma experiência é diversão e é um dia diferente”;
5. “Para mim fazer uma experiência é muito giro e tem coisas diferentes”;
6. “É juntar químicos”;
7. “Para mim uma experiência é fazermos várias coisas diferentes”;
8. “Ir fazer uma experiência é ver como as coisas funcionam e dá no fim uma coisa linda nós mexemos em coisas diferentes”;
9. “Para mim fazer uma experiência é fazer coisas diferentes”;
10. “Para mim fazer uma experiência é aprender coisas novas e mexer noutras coisas que nunca tocámos”;
11. “Para mim uma experiência é mexer numas coisas que nunca mexemos”;
12. “É mexer em coisas novas”;
13. “Uma experiência com feijões, atividade bonita aprendemos muitas coisas”;
14. “Eu acho que é fazer coisas novas e diversões”;
15. “Fazer uma experiência é mexer em coisas diferentes e é um dia muito especial para mim”;
16. “Para mim fazer uma experiência é ter uma oportunidade que me diverte”;
17. “Para mim a experiência é experimentar coisas novas”;
18. “Para mim ir fazer uma experiência é mexer em experiencias novas”;
19. “Para mim uma experiência é fazer poções com luvas especificas e não é um dia normal como os outros”;
20. “Para mim uma experiência é uma atividade gira em que se aprende algumas coisas”;
21. “É juntar químicos”;
22. “É um trabalho em conjunto”;
23. “É aprender algo novo mas mais divertido porque se tem oportunidade de a observarmos com mais frequência”;
24. “Para fazer uma experiência é aprender coisas novas que nunca mexemos”.

Anexo 36 – Respostas dos alunos à questão 2.4 da primeira parte do questionário

Respostas dos alunos:

1. “Eu gosto muito porque gosto de realiza-as”;
2. “Gosto muito porque fazemos coisas giras”;
3. “Gosto muito porque adoro experiências”;
4. “Gosto muito porque é muito divertido e engraçado”;
5. “Gosto muito da experiência do feijão porque foi muito giro”;
6. “Porque eu gosto de juntar químicos líquidos”;
7. “Sim, porque adoro experiências”;
8. “Gosto muito porque nós fazíamos coisas divertidas na experiências”;
9. “Eu gosto muito porque adoro experiências”;
10. “Eu gosto muito porque sinto-me uma cientista e porque é divertido”;
11. “Eu meti gosto muito porque”, (não concluiu a resposta);
12. “Eu gostei muito porque fazíamos coisas diferentes”;
13. “Porque experiências são divertidas”;
14. “Eu gosto muito porque aprendo coisas novas”;
15. “Gosto muito porque esta atividade é muito mas mesmo muito gira”;
16. “Gosto muito porque é muito fixe”;
17. “Porque eu gosto de fazer exemplos”;
18. “Eu gosto muito porque esta atividade é muito gira”;
19. “Eu gosto muito porque faz-se coisas que nunca fiz e aprendo coisas novas”;
20. “Gosto muito porque é uma forma de ser feliz, é divertido e é muito giro fazer uma experiência”;
21. “Eu gosto muito porque gostei das experiências”;
22. “Só gostei porque tem muitas coisas giras e porque é uma ficha para dizer a verdade”;
23. “Eu adorei porque é uma técnica diferente de fazer as coisas”;
24. “Eu gosto muito porque adoro experiências”.

Anexo 37 – Respostas dos alunos à questão 1. a) da segunda parte do questionário

Respostas dos alunos que selecionaram a opção “Realizando experiências”:

1. “Porque aprendemos experiências novas”;
2. “Porque eu gosto de realizar experiências”;
3. “Porque eu gosto que químicos”;
4. “Porque gosto mais de experiências do que ouvir a matéria”;
5. “Porque se ouvirmos a professora ele diz as respostas. E é muito divertido fazer experiências”;
6. “Eu gosto mais de aprender com experiências porque é mais divertido”;
7. “Porque é mais divertido e engraçado”;
8. “Porque é melhor aprender assim”;
9. “Porque as experiências são muito giras”;
10. “Porque é mais giro estar a fazer coisas giras e estar a ouvir a matéria ensina, mas podíamos aprender a brincar”;
11. “Porque as experiências são interessantes”;
12. “Porque é mais giro aprender assim. É divertido”;
13. “Porque é mais divertido com experiências”.

Respostas dos alunos que selecionaram a opção “Ouvindo o professor”:

1. “Porque a ouvir a matéria aprende-se bastante”;
2. “Porque nós assim aprendemos mais”;
3. “Porque se o professor não explica nós não aprendemos”;
4. “Porque assim não aprendemos”;
5. “Porque a professora ta a falar e eu fico esperto”;
6. “Eu é porque aprendo e passo de ano”;
7. “Porque se for eu a fazer as experiências sozinha faço porcaria”;
8. “Percebo melhor”;
9. “Porque a professora explica melhor”;
10. “Porque se aprende mais”;
11. “Porque assim aprendemos melhor”;

Anexo 38 – Respostas dos alunos à questão 2. a) da segunda parte do questionário

Respostas dos alunos que selecionaram a opção “Realizando experiências”:

1. “Porque é mais fácil que a explicar a matéria”;
2. “Eu escolhi esta opção porque assim fico mais esperta”;
3. “Porque eu gosto muito de experiências”;
4. “Porque aprendo mais em experiências”;
5. “Porque aprender a brincar e a ser divertido é mais giro”;
6. “Porque podemos observar durante muito mais tempo”;
7. “Porque eu gosto muito de experiências”.

Respostas dos alunos que selecionaram a opção “Ouvindo o professor dizer a matéria”:

1. “Porque me recordo melhor”;
2. “Porque aprendemos mais”;
3. “Porque se o professor disser a matéria toda não aprendemos”;
4. “Eu escolhi esta opção porque se não eu não aprendia”;
5. “Porque assim eu não consigo fazer a matéria”;
6. “Porque lembro-me mais do que as experiências”;
7. “Assim podemos concentrar e não perder tempo com experiências”;
8. “Porque assim aprendo melhor”;
9. “Porque é mais fácil de aprender”;
10. “Assim posso ficar esperta”;
11. “Porque fico mais esperta”;
12. “Porque ela pode repetir a matéria e eu assim já me lembro”;
13. “Percebo melhor”;
14. “Porque percebo melhor”;
15. “Porque me lembro mais com a minha professora”;
16. “Porque me lembro mais”;
17. “Porque é mais fácil aprender”;

Anexo 39 – Respostas dos alunos à questão 3. a) da segunda parte do questionário

Respostas dos alunos que selecionaram a opção “Realizando experiências”:

1. “Porque podemos participar com mais frequência”;
2. “Porque estou sempre motivado a fazer experiências”;
3. “Eu escolhi realizando experiências porque eu gosto”;
4. “Porque estou entusiasmado”;
5. “Porque sinto-me mais motivado quando faço experiências”;
6. “Porque eu adoro experiências”;
7. “Porque sinto-me mais concentrado e contente a fazer muitas coisas novas”;
8. “Porque não conheço algumas experiências”;
9. “Porque podemos participar com mais frequência”;

Respostas dos alunos que selecionaram a opção “Ouvindo o professor dizer a matéria”:

1. “Sinto-me melhor porque gosto de o ouvir”;
2. “Sinto-me mais concentrado porque assim decoro”;
3. “Quando me concentro sei a matéria”;
4. “Porque é uma forma melhor de aprender”;
5. “Porque assim aprendemos mais coisas”;
6. “Porque estou mais atento nas aulas”;
7. “Porque estou atento”;
8. “Porque aprendo mais”;
9. “Porque assim a professora explica-nos a matéria”;
10. “Porque me sinto mais percebido e por isso fico mais motivado”;
11. “Porque assim aprendo melhor”;
12. “Porque assim pode não ser divertido mas pelo menos aprendemos muita coisa”;
13. “Porque me lembro mais”;
14. “Porque estou melhor a aprender com a professora”;
15. “Porque fico mais concentrado”.